

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**EDUARDO DOMINGOS BRUNO**

**A ECONOMIA DO TURISMO: UMA ANÁLISE DO BALANÇO DE PAGAMENTOS  
BRASILEIRO A PARTIR DA CONTA DE TURISMO (2003-2013)**

**Porto Alegre**

**2014**

**EDUARDO DOMINGOS BRUNO**

**A ECONOMIA DO TURISMO: UMA ANÁLISE DO BALANÇO DE PAGAMENTOS  
BRASILEIRO A PARTIR DA CONTA DE TURISMO (2003-2013)**

Trabalho de conclusão submetido ao  
Curso de Graduação em Ciências  
Econômicas da Faculdade de Ciências  
Econômicas da UFRGS, como requisito  
parcial para obtenção do título Bacharel  
em Economia.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Valiati

**Porto Alegre**

**2014**

**EDUARDO DOMINGOS BRUNO**

**A ECONOMIA DO TURISMO: UMA ANÁLISE DO BALANÇO DE PAGAMENTOS  
BRASILEIRO A PARTIR DA CONTA DE TURISMO (2003-2013)**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Ciências Econômicas da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Economia.

Aprovada em: Porto Alegre, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Leandro Valiati – Orientador  
UFRGS

---

Prof. Dr. Glaison Augusto Guerrero  
UFRGS

---

Prof. Dr. Stefano Florissi  
UFRGS

Dedico este trabalho a todos aqueles que fizeram do meu sonho real, proporcionando-me forças para que eu não desistisse de ir atrás do que eu buscava para minha vida. Muitos obstáculos foram impostos para mim durante esses últimos anos, mas graças a vocês eu não fraquejei. Obrigado por tudo família, esposa, professores, amigos e colegas.

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer, em primeiro lugar, a Deus, pela força e coragem durante toda esta longa caminhada.

Aos meus pais, Ligia e Arai, e meu irmão, Fernando, que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

Agradeço também à minha esposa, Jamile, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, apoiando-me nos momentos de dificuldade.

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela infraestrutura oferecida, qualidade e excelência no ensino, bem como a todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia.

A todos aqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos de mim, fazendo esta vida valer cada vez mais à pena.

*“A menos que modifiquemos a nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo”.*

Albert Einstein

## RESUMO

Ao longo dos últimos anos o turismo vem aumentando a sua participação no montante total das transações mundiais, tornando-se um dos principais itens do setor de serviços e até mesmo das exportações gerais. No Brasil não é diferente e o turismo está aumentando a sua participação percentual no produto interno bruto a cada ano. Porém, a conta que registra as receitas e despesas com este serviço no balanço de pagamento brasileiro tem apresentado resultado deficitário nos últimos anos. Este trabalho propõe-se a estudar o recorrente déficit em transações correntes do balanço de pagamentos brasileiro, analisar a conta de turismo a fim de verificar o seu comportamento durante o período 2003-2013 e suas possíveis correlações com o movimento de variáveis macroeconômicas, tais como a taxa de câmbio, a taxa de juros, o desemprego, a inflação, o produto interno bruto (PIB) e a renda nacional, realizando uma análise qualitativa e identificando de que forma este setor pode influenciar na vulnerabilidade externa da economia brasileira. O primeiro capítulo apresenta os objetivos e a metodologia utilizada. O segundo capítulo apresenta os principais conceitos e faz uma revisão sobre o que a literatura traz sobre este tema. O terceiro capítulo traz a contribuição do setor do turismo no PIB e também no balanço de pagamentos. O quarto capítulo apresenta um comparativo e uma análise qualitativa do comportamento da conta de turismo frente às demais variáveis estudadas, e o quinto e último capítulo traz as conclusões.

**Palavras-chave:** Turismo. Balanço de Pagamentos. Globalização. Vulnerabilidade Externa.

## ABSTRACT

Over the last few years, tourism has been increasing its share in the total amount of global transactions, becoming one of the main items of the service sector and even the general exports. Brazil is no different and tourism is increasing its percentage share of gross domestic product every year, but the Brazilian tourism account that records revenues and expenses with this service in the balance of payments, has shown a deficit results in recent years. This paper aims to study this recent deficit of the balance of payments, analyze the account of tourism in order to verify their behavior during the period 2003-2013 and its possible correlation with the movement of macroeconomic variables, such as exchange rate, interest rates, unemployment, inflation, gross domestic product (GDP) and national income, identifying how this sector can influence the external vulnerability of the Brazilian economy. The first chapter presents the objectives and the methodology used, the second chapter presents the key concepts and presents a review of the literature that brings about this topic. The third chapter is the contribution of the tourism sector in GDP and also the balance of payments. The fourth chapter presents a comparative analysis and a qualitative account of the behavior of tourism in relation to other variables, and the fifth and final chapter brings the conclusions.

**Keywords:** Tourism. Balance of Payments. Globalization. External Vulnerability.



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Conta de despesas com turismo do balanço de pagamentos .....	29
Gráfico 2 – Conta de despesas com turismo do balanço de pagamentos .....	30
Gráfico 3 – Saldo da conta de turismo do balanço de pagamentos .....	32
Gráfico 4 – Receitas e despesas com turismo no balanço de pagamentos .....	35
Gráfico 5 – Despesas com turismo e taxa de inflação .....	37
Gráfico 6 – Despesas com turismo e taxa de câmbio .....	37
Gráfico 7 – Receitas com turismo e taxa de câmbio .....	38
Gráfico 8 – Despesas com turismo e taxa de juros .....	40
Gráfico 9 – Despesas com turismo e rendimento médio .....	42
Gráfico 10 – Despesas com turismo e taxa de desemprego .....	43
Gráfico 11 – Despesas com turismo e produto interno bruto .....	44

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estrutura do Balanço de pagamentos .....	23
---	----

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Variação anual da conta de despesas com turismo .....	30
Tabela 2 – Despesas com turismo e PIB .....	31
Tabela 3 – Saldo da conta de turismo e saldo em transações correntes .....	33
Tabela 4 – Taxa de inflação – IPCA.....	36
Tabela 5 – Taxa de juros – SELIC .....	39
Tabela 6 – Rendimento médio nominal do trabalho principal.....	41
Tabela 7 – Taxa de desemprego.....	43
Tabela 8 – Influência das variáveis sobre as despesas com turismo.....	45

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FMI	Fundo Monetário Internacional
GDP	Gross Domestic Product
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IGP-M	Índice Geral de Preços do Mercado
IPCA	Índice de Preços ao Consumidor Amplo
OMS	Organização Mundial da Saúde
OMT	Organização Mundial do Turismo
ONU	Organização das Nações Unidas
PIB	Produto Interno Bruto
SARS	Síndrome Respiratória Aguda Grave
UNCTAD	United Nations Conference on Trade and Development
WTO	World Tourism Organization

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
1.1 OBJETIVOS E HIPÓTESES .....	16
1.2 METODOLOGIA.....	16
<b>2 REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	<b>18</b>
2.1 ECONOMIA DO TURISMO E GLOBALIZAÇÃO .....	18
2.2 BALANÇO DE PAGAMENTOS E GLOBALIZAÇÃO .....	22
2.3 TURISMO, TAXA DE CÂMBIO E TAXA DE INFLAÇÃO .....	26
2.4 TURISMO, RENDA NACIONAL E TAXA DE JUROS .....	27
<b>3 CONTRIBUIÇÃO DO TURISMO NA ECONOMIA BRASILEIRA</b> .....	<b>29</b>
3.1 PARTICIPAÇÃO DO TURISMO NO PIB BRASILEIRO .....	29
3.2 PARTICIPAÇÃO DO TURISMO NO BALANÇO DE PAGAMENTOS .....	31
<b>4 CONTRIBUIÇÃO DA CONTA DE TURISMO</b> .....	<b>34</b>
4.1 EVOLUÇÃO DA CONTA DE TURISMO.....	34
4.2 TAXA DE INFLAÇÃO E TAXA DE CÂMBIO .....	36
4.3 TAXA DE JUROS E RENDA NACIONAL.....	39
4.4 TAXA DE DESEMPREGO E PRODUTO INTERNO BRUTO.....	42
4.5 EFEITO SIMULTÂNEO SOBRE A CONTA DE TURISMO .....	44
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>49</b>
<b>ANEXO A – BALANÇO DE PAGAMENTOS</b> .....	<b>52</b>
<b>ANEXO B – CONTA DE TURISMO – BALANÇO DE PAGAMENTOS</b> .....	<b>55</b>
<b>ANEXO C – TAXA DE CÂMBIO NOMINAL</b> .....	<b>57</b>
<b>ANEXO D – TAXA DE DESEMPREGO</b> .....	<b>58</b>
<b>ANEXO E – TAXA DE INFLAÇÃO</b> .....	<b>59</b>
<b>ANEXO F – RENDIMENTO MÉDIO</b> .....	<b>60</b>
<b>ANEXO G – TAXA DE JUROS</b> .....	<b>61</b>
<b>ANEXO H – PRODUTO INTERNO BRUTO</b> .....	<b>62</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O setor de serviços vem apresentando nos últimos anos um aumento significativo na participação das exportações totais. Segundo a OMT, entre 2000 e 2008, as exportações mundiais de serviços aumentaram em média 13%. Após este período, com o surgimento da crise mundial, estas exportações apresentaram uma queda de 12%<sup>1</sup>. Apesar de ter sido uma queda expressiva, este número é ainda inferior à queda de 23% nas exportações de bens e mercadorias durante o mesmo período.

Uma característica muito importante do setor de serviços é a sua rápida recuperação frente aos períodos de crise, pois, já no segundo semestre de 2009 e início de 2010, o setor apresentava recuperação, registrando crescimento de 11% já no primeiro semestre de 2010. Para o caso brasileiro, esta recuperação foi ainda mais rápida, atingindo crescimento de 18% para o mesmo período.

Conforme Silva, de Negri e Kubota (2006, p.18), a globalização dos serviços, as mudanças tecnológicas como a digitalização dos serviços e a emergência das redes de banda larga são os principais motivos para o forte desempenho do setor de serviços. Segundo a OMT, a crescente disponibilidade de linhas aéreas de baixo custo para viagens de longa distância e a ampliação do comércio eletrônico de passagens têm contribuído para que as viagens internacionais tornem-se mais acessíveis, crescendo cerca de 9% ao ano entre 2000 e 2008, mesmo com redução pontual em alguns anos devido a fatos ocorridos como: terrorismo de 11 de setembro de 2001, epidemia de SARS em 2003<sup>2</sup>, tsunami no Oceano Índico em 2004 e a crise econômica de 2008.

Desde 2000 até os dias de hoje o turismo vem aumentando a sua participação no montante total das transações mundiais, tornando-se um dos principais itens do setor de serviços e até mesmo das exportações gerais. No Brasil não é diferente e o turismo está aumentando a sua participação percentual no produto interno bruto a cada ano. Porém, a conta de turismo do balanço de pagamento brasileiro que registra as receitas e despesas com este serviço tem

---

<sup>1</sup> Segundo dados da OMT, na América do Sul, a queda nas exportações de serviços foi de 8% (2009).

<sup>2</sup> A epidemia de Sars que contaminou 8.096 pessoas e matou 774 em 2003, é considerada pela OMS como uma das mais sérias doenças contagiosas dos últimos anos. A epidemia atingiu principalmente a China e o sudeste asiático.

apresentado resultado deficitário nos últimos anos. O processo de globalização iniciado há algumas décadas, aliado ao avanço das tecnologias de transporte, comunicação, aumento da renda, faz com que o Brasil tenha enviado mais turistas ao exterior do que recebido turistas de outras partes do mundo, mantendo o resultado deficitário na conta de turismo. O comportamento desta conta, por ser recorrente, tem como consequência um aumento da vulnerabilidade externa do país.

O Brasil tem apresentado nos últimos anos um recorrente déficit na conta corrente do balanço de pagamentos. Especificamente a conta de turismo segue esta mesma trajetória de déficit. Conforme destacado por Paulani e Braga (2007, p.172), este déficit recorrente pode ampliar a vulnerabilidade e as contas externas.

Por ser um serviço que gera receita internacional, o turismo converteu-se em um dos principais setores produtivos dos países. Conforme a OMT e com dados disponíveis de 2010, os ingressos gerados pelo setor de turismo, incluindo o transporte de passageiros, superam 1 trilhão de dólares, o equivalente a 3 bilhões ao dia. O turismo representa 30% das exportações mundiais de serviços comerciais e 6% das exportações de bens e serviços.

Este trabalho propõe-se a estudar o recorrente déficit em transações correntes do balanço de pagamentos brasileiro, analisar a conta de turismo a fim de verificar o seu comportamento durante o período 2003-2013 e suas possíveis correlações com o movimento de variáveis macroeconômicas, tais como a taxa de câmbio, a taxa de juros, o desemprego, a inflação, o produto interno bruto e a renda nacional, identificando de que forma este setor pode influenciar na vulnerabilidade externa da economia brasileira.

O primeiro capítulo traz o detalhamento dos objetivos, hipóteses e a metodologia utilizada. O segundo capítulo apresenta os principais conceitos utilizados no trabalho e uma revisão da literatura existente sobre o tema<sup>3</sup>. O terceiro capítulo tem por objetivo a demonstração da importância da contribuição do turismo na economia brasileira, comparando os dados com o PIB e também mostrando sua crescente e importante participação no saldo em transações correntes do balanço de pagamentos. O quarto capítulo é destinado à pesquisa e apresentação dos dados das variáveis escolhidas para o estudo: taxa de câmbio, taxa de juros, rendimento

---

<sup>3</sup> A literatura sobre este tema não é extensa visto que poucos trabalhos foram realizados nas décadas de 1970 e 1980. Foi apenas a partir do ano 2000 que publicações sobre o tema começaram a surgir dada a relevância do estudo.

médio, taxa de inflação e taxa de desemprego. Faz uma análise qualitativa a respeito da contribuição individual de cada uma destas variáveis para a formação da conta de despesas com turismo, bem como uma análise também qualitativa sobre o conjunto destas variáveis atuando na economia de forma simultânea e apresentando como a participação de cada variável individualmente é potencializada quando analisadas em conjunto, contribuindo para que o objeto de estudo, a conta de despesas com turismo do balanço de pagamentos brasileiro, tenha um comportamento de crescimento muito acelerado, sobretudo na segunda metade do período analisado, uma vez que todos os movimentos das variáveis estudadas convergem para o mesmo sentido, ou seja, de aumento nas despesas.

### 1.1 OBJETIVOS E HIPÓTESES

Este trabalho tem como objetivo principal a análise do comportamento da conta de turismo do balanço de pagamentos brasileiro, e tem como objetivo específico, a análise qualitativa da correlação entre a conta de turismo e as seguintes variáveis: taxa de câmbio, taxa de juros, taxa de inflação, taxa de desemprego, renda nacional e PIB.

A hipótese é de que todas estas variáveis influenciam no comportamento da conta de turismo, que se apresentará mais ou menos elástica em função do comportamento de cada variável estudada. Dado o contexto econômico atual do Brasil, como sendo um dos principais países em desenvolvimento, apresentando crescimento nos últimos anos, a hipótese inicial é de que o comportamento das variáveis a serem apresentadas será distinto entre si, ou seja, cada variável vai apresentar comportamento de crescimento, redução ou estabilização durante o período analisado, mas que todas estas contribuem para um aumento nas despesas com turismo, ampliando assim o déficit recorrente verificado neste período.

### 1.2 METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido conforme as seguintes etapas:



- Realização de uma revisão bibliográfica, utilizando livros, dissertações, teses, artigos e publicações que considerassem os tópicos relacionados a este trabalho, como conceitos básicos e alguns exemplos práticos desenvolvidos por alguns autores;
- Realização de uma coleta de dados estatísticos e indicadores macroeconômicos conforme segue: Para a conta de turismo foram coletados os dados quantitativos do balanço de pagamentos relativo ao período 2003-2013 publicado pelo Banco Central do Brasil. Os dados relativos à inflação foram coletados a partir do índice geral de preços (IGP-M) e do índice de preços ao consumidor amplo (IPCA), publicados pela Fundação Getúlio Vargas. A pesquisa mensal de emprego realizada pelo IBGE foi a fonte para os dados a respeito da taxa de desemprego no Brasil. As séries históricas do Banco Central do Brasil foram utilizadas como fonte para a coleta dos dados quantitativos referentes à taxa de câmbio e à taxa de juros. O sistema de contas nacionais do IBGE foi a fonte para a coleta dos dados sobre a renda nacional. Os dados estatísticos referentes à atividade turística no Brasil e no mundo foram coletados a partir das séries históricas do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, ministério do turismo, organização das nações unidas, organização mundial do turismo e organização mundial do comércio.
- Realização de uma análise descritiva dos dados estatísticos e indicadores macroeconômicos coletados e um estudo qualitativo do impacto dos indicadores macroeconômicos sobre a conta de turismo.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1 ECONOMIA DO TURISMO E GLOBALIZAÇÃO

O turismo é definido de maneira breve por Fernandes e Coelho (2002, p.21) como sendo o deslocamento de pessoas de seu local de residência habitual por períodos determinados de tempo e não motivados por razões de exercício profissional constante.

Para Montejano (2001, p.8), o turismo é uma atividade fundamentalmente econômica, tanto nos aspectos micro como macroeconômicos, que estabelece algumas relações de financiamento, produção, comercialização e consumo de produtos e serviços turísticos, por meio de empresas do setor – hotéis, agências de viagens, transportes, etc. - assim como contribui de forma importante, às vezes decisiva, com os parâmetros macroeconômicos das sociedades econômicas, como Produto Interno Bruto (PIB), o Balanço de Pagamento e o emprego.

De maneira mais completa, Wahab (1991, p.26) define o turismo como:

[...] uma atividade humana intencional que serve como meio de comunicação e como elo da interação entre povos, tanto dentro de um mesmo país como fora dos limites geográficos dos países. Envolve o deslocamento temporário de pessoas para outra região, país ou continente, visando a satisfação de necessidades outras que não o exercício de uma função remunerada. Para o país receptor, o turismo é uma indústria cujos produtos são consumidos no local, formando exportações invisíveis. Os benefícios originários dessa atividade podem ser verificados na vida econômica política, cultural e psicossociológica da comunidade.

Várias definições podem ser encontradas na literatura, mas a definição acadêmica de Turismo, segundo a OMT, é: "Movimento de pessoas a lugar diverso do qual habite por tempo inferior a 360 dias, desde que esta não realize atividades econômicas". Portanto, Turismo é a realização de viagens para local diverso do qual a pessoa more, seja a lazer, passeio, negócio, religião ou outra atividade diversa da econômica. Daí a divergência sobre a correta utilização do termo "Turismo de negócios".

Conforme Fernandes e Coelho (2002, p.4), o turismo tem evoluído ao longo do tempo especialmente a partir da segunda metade do século XX, e pode ser considerado nos dias de hoje o segmento que exhibe um dos maiores crescimentos

no mundo dos negócios. Portanto, este crescimento não pode ser entendido apenas como um fato conjuntural ou passageiro.

Faria (2012, p.5) destaca que:

O turismo tem contribuído ao desenvolvimento econômico de territórios e regiões, entendido como sinônimo de crescimento econômico. O potencial do turismo para impulsionar o crescimento econômico é conhecido, mas sabe-se que pode também incentivar as inequidades. Sem detalhar que tipo de desenvolvimento e para quem, o turismo se utiliza do termo desenvolvimento como uma ideologia de progresso para todos.

Segundo Carvão (2009, p.21), o turismo é um dos setores mais dinâmicos a nível mundial, com destaque para a taxa de crescimento médio de 6,5% para o número de chegadas de turistas internacionais em todo o mundo durante o período entre 1950 e 2007.

Conforme a UNCTAD (2014, p.7), o turismo representa aproximadamente 30% das exportações mundiais de serviços e 6% das exportações globais de bens e serviços. Segundo Serson (2000, p.232), o turismo é a atividade econômica mais importante, em volume de recursos movimentados, logo após a indústria petrolífera e a indústria bélica.

Com o passar do tempo, novos destinos turísticos vêm surgindo e desenvolvendo-se, fazendo do turismo moderno um dos principais fatores de desenvolvimento sócio-econômicos dos países, propiciando o surgimento de novas empresas, criando empregos, desenvolvendo infraestrutura e gerando impostos (WORLD TOURISM ORGANIZATION, 2010, p.12).

Moura e Montini (2010, p.134) utilizam os dados da OMT (2010) para colocar o turismo como o quarto principal componente na pauta de exportações em nível mundial, atrás de combustíveis, produtos químicos e produtos automobilísticos. Para alguns países, o turismo é a principal fonte de receitas externas, geração de empregos e desenvolvimento sócio-econômico. Conforme dados da OMT (2010), a contribuição do turismo na atividade econômica mundial é estimada em 5%; seu efeito nas taxas de emprego varia entre 6 e 7%, tanto empregos diretos como indiretos.

Fernandes e Coelho (2002, p.103) indicam que no mundo inteiro diversas cidades e países têm o turismo como um dos principais setores para o desenvolvimento econômico. Entre as economias desenvolvidas, Rabahy (2003, p.1-

2) destaca alguns países como Estados Unidos, Japão, Alemanha, Austrália, Reino Unido, França e Itália, onde a receita turística responde por cerca de 10% do PIB, chegando a 12 % para a França, Estados Unidos e Austrália.

Entre as economias menos desenvolvidas, os destaques ficam com Maldivas, Antigua, Ilhas Virgens, Bahamas e Barbados. Nestes pequenos países e ilhas, a participação do turismo no total do PIB é ainda maior, chegando a quase 90% para o caso de Maldivas. Os dados utilizados são da OMT para 1999.

Nos últimos anos a China, Coréia do Sul e a Rússia começaram a surgir como importantes países emissores e também receptivos de turistas no mundo. No Brasil, alguns municípios e estados da Região Nordeste estão conseguindo alterar os seus perfis de desenvolvimento graças à priorização dada à atividade turística.

Silber (2000, p.347), Fernandes e Coelho (2002, p.4) e Milone (2000, p.340) destacam a ampliação da participação do setor econômico do turismo no total do PIB de diversas economias mundiais, inclusive o brasileiro. Dada a magnitude dos valores envolvidos, Meurer (2006, p.76) destaca a importância das contas de viagens internacionais para o balanço de pagamentos no Brasil.

Nas últimas décadas, a economia mundial está presenciando um período de transformações radicais, em particular houve dramática internacionalização e globalização da atividade econômica, com profundas consequências econômicas, políticas e sociais (SILBER, 2000, p.342).

Soares (2007, p.64) considera que este processo de globalização é precedido pelo processo de aumento gradativo de relações, contatos e fluxos de se estabelecem entre povos, nos campos: econômico, político, cultural e religioso, que geram diversas transformações na sociedade.

Este processo de internacionalização e globalização é definido por Hjalager (2007, p.437-438, tradução nossa) como:

[...] uma das questões mais controversas de hoje, pode ser definida como a crescente integração das economias, sociedades e civilizações. Inclui, e vai além, o mais simples de internacionalização definida como as relações entre as nações e dentro das nações. A globalização é um processo de reestruturação que funciona em todas as unidades e afeta todos os aspectos da vida do ser humano: a partir de fluxos de capital, através da colaboração política, fluxo de ideias. Ele também inclui a poluição ambiental, o comportamento criminoso, doença, e, finalmente, terror. Viagens e turismo

estão entre as muitas causas e os resultados dos processos de globalização.<sup>4</sup>

Neste contexto, Miyashiro e Dopico (2009, p.9) destacam que o turismo, em razão da sua potencialidade na geração de empregos, de modernização das economias locais e ampliação de divisas, ganha força e espaço nos debates acadêmicos e na sociedade em geral, contribuindo desta maneira com o desenvolvimento econômico e cultural das cidades e países.

Conforme Tulik (1994, p.7), Silber (2000, p.343) e Milone e Milone (2000, p.353), o acelerado progresso tecnológico, o crescimento dos meios de transporte, a formação dos blocos econômicos, a liberação de fronteiras políticas e ideológicas, os avanços das tecnologias de comunicações, o avanço tecnológico, de novos costumes, valores culturais e hábitos emergentes, vêm contribuindo para fortalecer a globalização da economia.

Segundo Milone e Milone (2000, p.353) e Meurer (2006, p.75), todos estes fatores contribuem para que um número maior de indivíduos possa se deslocar para diferentes regiões do mundo em questão de horas, transformando o turismo em um dos principais setores da economia, e com isso, o comportamento das contas nacionais de turismo passa a ser um tema de maior relevância.

Além destes fatores, os avanços sociais e econômicos ao longo do tempo em que incentivam e incrementam as disponibilidades de renda e de tempo livre, o estreitamento das distâncias geográficas, o crescente inter-relacionamento das economias e dos povos, as conquistas trabalhistas e as contribuições positivas da medicina são destacados por Fernandes e Coelho (2002, p.121). O que antes era visto apenas como um privilégio a ser usufruído apenas pelas classes de altas rendas, passa por um processo de massificação no mundo.

As consequências da globalização sobre o turismo são destacadas por Teixeira, Michelin e Dall'agnol (2008, p.2):

A grande facilidade para o deslocamento, antes somente acessível a poucos afortunados, passa a estar ao alcance de grande parte da população. Muitos destinos e comunidades, antes isolados e sem muita interferência externa, passaram a conviver com influências de outras culturas. Lembrando que o turismo não foi o único elemento dessas relações entre culturas diferentes, pois o avanço tecnológico, através da informação e transportes também foram as causas desses encontros.

---

<sup>4</sup> Do original em inglês

Soares (2007, p.66) coloca a globalização como o ponto de partida para as argumentações que pretendem colocar o turismo como meio para o desenvolvimento econômico e social de uma determinada região. Esta ideia é reiterada por Meurer (2006, p.75), indicando um crescimento do turismo internacional como um reflexo da globalização econômica e da internacionalização dos serviços.

## 2.2 BALANÇO DE PAGAMENTOS E GLOBALIZAÇÃO

Segundo Feijó (2008, p.130), o balanço de pagamentos é o registro contábil de todas as transações econômicas entre um país e o resto do mundo durante um determinado intervalo de tempo, sendo um importante instrumento de análise econômica que permite acompanhar a evolução dos fluxos de recursos materiais e financeiros entre os agentes residentes e não residentes em uma determinada economia.

Para o caso brasileiro, o responsável pelas contas é o Banco Central do Brasil, que utiliza a metodologia contida na quinta edição do manual de balanço de pagamentos do FMI (BPM5)<sup>5</sup>, publicado em 1993, conforme quadro 1.

---

<sup>5</sup> Balance of Payments Manual, 5th ed. – Washington, DC, USA: International Monetary Fund, 1993.

Quadro 1 – Estrutura do balanço de pagamentos<sup>6</sup>

Balanço de pagamentos
1. Balança comercial
1.1 Exportações
1.2 Importações
2. Balança de serviços e rendas
2.1 Serviços
2.1.1 Transportes
2.1.2 Viagens internacionais
2.1.2.1 Fins educacionais, culturais ou esportivos
2.1.2.2 Funcionários do governo
2.1.2.3 Negócios
2.1.2.4 Por motivos de saúde
<b><u>2.1.2.5 Turismo</u></b>
2.1.2.6 Cartões de crédito
2.1.3 Seguros
2.1.4 Serviços financeiros
2.1.5 Computação e informação
2.1.6 Royalties e licenças
2.1.7 Aluguel de equipamentos
2.1.8 Governamentais
2.1.9 Comunicações
2.1.10 Construção
2.1.11 Relativos ao comércio
2.1.12 Empresariais, profissionais e técnicos
2.1.13 Pessoais, culturais e recreação
2.2 Rendas
2.2.1 Salário e ordenado
2.2.2 Renda de investimento direto
3. Transferências unilaterais
4. Saldo do balanço de pagamentos em transações correntes: 1 + 2 + 3
5. Conta capital e financeira
5.1 Conta capital
5.1.1 Transferências unilaterais
5.1.2 Bens não financeiros não produzidos
5.2 Conta financeira
5.2.1 Investimento direto
5.2.2 Investimento em carteira
5.2.3 Derivativos
5.2.4 Outros investimentos
6. Erros e omissões
7. Saldo total do balanço de pagamentos: 4 + 5 + 6
8. Variação das reservas

Fonte: Elaborado pelo autor com informações do Banco Central.

<sup>6</sup> Apenas o item 2.1.2 – viagens internacionais – foi aberto em subitens neste quadro de maneira a apresentar a localização das contas de turismo (receitas e despesas)

A conta de turismo é uma das subcontas da conta de viagens internacionais (item 2.1.2 do quadro 1) que, por sua vez, faz parte da Balança de Serviços e Rendas (item 2 do quadro 1). Portanto, a conta de turismo faz parte da Conta Corrente, ou o que é chamado de “transações correntes”. Nesta conta de turismo estão incluídas todas as despesas realizadas pelos turistas, como hospedagem e alimentação, transporte local (CAVES, 2001, p.278).

O manual do FMI inclui nesta categoria as atividades de lazer, férias, atividades recreativas e culturais, visita a parentes e amigos e peregrinações religiosas. As despesas com hospedagem, alimentação, entretenimento, transporte local, lembranças e artigos para uso próprio são registradas nesta conta.

Dado o fenômeno descrito anteriormente como globalização, Paulani e Braga (2007, p.133) destacam a importância do balanço de pagamentos no estudo da macroeconomia, tendo em vista a intensificação do fluxo real e financeiro entre os países.

Tanto Fernandes e Coelho (2002, p.3) como Meurer (2006, p.76) defendem que a atividade turística é importante e pode ser uma das responsáveis pelo provimento de recursos para o equilíbrio no balanço de pagamentos. Entretanto, o fluxo emissivo de turistas brasileiros é muito maior do que o fluxo receptivo de turistas estrangeiros, mesmo que o Brasil venha se destacando como um polo de turismo cada vez mais atraente nas últimas décadas. Assim, para o caso brasileiro, a conta de turismo tem sido sistematicamente deficitária nos últimos anos (OLIVEIRA, 2009, p.137)

Para esta situação, Santos (2006, p.24) coloca estes déficits da conta de turismo, e conseqüentemente da conta corrente, como um importante indicador de vulnerabilidade externa de um país, pois um déficit no presente sinaliza prováveis déficits no futuro.

Entretanto, uma discussão sobre a vulnerabilidade e as contas externas é exposta por Paulani e Braga (2007, p.172):

Eventuais déficits nas contas externas não constituem necessariamente motivo de preocupação. O problema surge quando esses déficits passam a ser recorrentes e tendem a se ampliar continuamente. Sucessivos déficits em transações correntes acabam por tornar o país fortemente dependente do movimento internacional de capitais, deixando-o vulnerável às crises internacionais, que estão longe de ser exceção no mundo capitalista moderno.



Com base nestas considerações, o recorrente déficit na conta de turismo é preocupante e suas causas tornam-se um tema relevante de estudos para que o planejamento do turismo no Brasil tenha sucesso nos próximos períodos.

Mesmo com a crescente importância do setor turístico para as economias mundiais, Loiola (2004, p.818) destaca que este setor tem sido pouco estudado. Além disso, a pequena quantidade de trabalhos ainda está dedicada a estudos de caso, que em muitos casos não se pode generalizar.

Nos últimos anos, começaram a surgir mais estudos nesta área, levando em conta os efeitos das variáveis econômicas sobre o comportamento da conta de turismo do balanço de pagamentos. Milone (2000), Fernandes e Coelho (2002), Varisco (2003), Santos (2006), Meurer (2006), Rabahy (2003 e 2008), Moura e Montini (2010) desenvolveram trabalhos sobre este tema.

Conforme Meurer (2006, p.76) e Moura e Montini (2010, p.134), o estudo das variáveis macroeconômicas é importante, pois estas variáveis influenciam de maneira significativa o comportamento dos viajantes. Desta maneira, este estudo serve também como um importante instrumento para o planejamento das políticas públicas e privadas para o setor turístico.

A taxa de câmbio, o nível de preços, a renda são as variáveis econômicas mais citadas na literatura quando o assunto é a variação das receitas e despesas do turismo de um determinado país. Diversas outras variáveis não econômicas também são citadas como determinantes para o turismo, como condições climáticas, perturbações sociais, gostos pessoais, publicidade. Porém, conforme Meurer (2006, p.81), por estas variáveis apresentarem características e resultados de difícil quantificação, acabam não entrando nos modelos explicativos dos trabalhos realizados na área econômica.

Outro fator que causa variações no setor do turismo são as crises econômico-financeiras, como por exemplo, a crise mundial de 2008. Conforme a WTO (2010, p.3), a recessão econômica gerada pela crise de 2008, aliada às incertezas em torno da epidemia do vírus H1N1 (gripe A), trouxe um ano de 2009 muito difícil para o setor do turismo mundial, sobretudo na América Latina, que registrou redução de 5,7% nas receitas geradas pelo turismo receptivo. Porém, mesmo com esta redução, o setor turístico foi um dos setores que mais resistiram aos efeitos da crise, mostrando a sua relevância para a economia de diversos países.

### 2.3 TURISMO, TAXA DE CÂMBIO E TAXA DE INFLAÇÃO

Conforme definição do Banco Central, a taxa de câmbio é o preço de uma moeda estrangeira medido em unidades ou frações (centavos) da moeda nacional. A taxa de câmbio reflete o custo de uma moeda em relação à outra. As cotações apresentam taxas para a compra e para a venda da moeda, as quais são referenciadas do ponto de vista do agente autorizado a operar no mercado de câmbio pelo Banco Central.

Um dos principais fatores determinantes das variações nas contas nacionais de turismo é a taxa de câmbio, conforme destacado por Meurer (2006, p.80), Rabahy (2008, p.294), Fernandes e Coelho (2002, p.284-285) e Varisco (2003, p.57).

Esta variável é destacada por Varisco (2003, p.57) como um moderador dos preços relativos dos preços dos produtos e serviços entre os países emissores e receptivos. Para isto, a variável utilizada passa a ser a taxa real de câmbio, calculada a partir da taxa nominal de câmbio com a inclusão da inflação no cálculo. Conforme Meurer (2006, p. 80), quando a moeda local está valorizada, significa que os turistas vão pagar um preço mais alto ao visitar este país, reduzindo desta maneira a demanda pelas viagens internacionais para esta localidade. O inverso também é válido: uma moeda local desvalorizada atrai turistas para esta localidade.

Entretanto, Rabahy (2008, p.302) conclui que, para o caso brasileiro, ao estudarmos os efeitos de curto prazo, esta variável deve ser estudada em conjunto com a distância geográfica entre emissor e receptor. Para ele, a resposta é diferente quando analisamos o fluxo proveniente de países próximos e o fluxo proveniente de países mais distantes. Para o caso dos países mais próximos, a taxa de câmbio mostra-se mais relevante do que para o caso dos países mais distantes. Para estes, outras variáveis podem ser mais relevantes, como por exemplo, a exclusividade de atrações (que torna a demanda mais inelástica em relação às variações de preços). Existe, portanto, segundo Rabahy (2007, p.17), certa assimetria na transmissão dos efeitos da taxa de câmbio real, uma vez que as despesas são mais influenciadas por esta taxa do que as receitas.

A inflação é descrita por Fernandes e Coelho (2002, p.263) como sendo um fenômeno de preços crescentes e não de preços altos. Inflação é o aumento

persistente dos preços em geral, do que resulta uma contínua perda do poder aquisitivo da moeda.

Conforme Fernandes e Coelho (2002, pg.263), algumas causas para o surgimento da inflação são:

- fatores estruturais ou inflação de custos;
- fatores monetários ou inflação de demanda;
- combinação de fatores estruturais e monetários;
- efeitos psicológicos do consumidor.

A variação do nível de preços, ou inflação, é destacada por Fernandes e Coelho (2002, p.267) como um fator determinante para o turismo, onde a inflação no país de destino determina as variações no poder de compra do turismo receptivo. Este fator pode ser analisado em conjunto com a taxa de câmbio, onde um dos fatores pode acabar compensando (ou complementando) o efeito negativo causado pelo outro fator determinante.

Este fenômeno inflacionário é destacado por Ferreira (2005, p.142) entre o grupo fatores que afetam de maneira negativa o turismo.

## 2.4 TURISMO, RENDA NACIONAL E TAXA DE JUROS

A renda no país de origem é mais um dos fatores determinantes, citada por Meurer (2006, p.80) e por Ferreira (2005, p.142), que coloca a ampliação da população empregada e o conseqüente aumento da renda como fator determinante. Conforme Carvão (2009, p.18), existe um aumento na demanda por turismo estimulado, entre outros fatores, pelo aumento do rendimento disponível. Porém, conforme estudos econométricos de Rabahy (2008, p.301), no curto prazo, a renda não se destaca como um fator determinante para as despesas com turismo.

A renda nacional é definida por Milone (2000, p.335) como a soma dos rendimentos pagos às famílias, pelo fornecimento de fatores de produção, em dado período (salários, juros, aluguéis e lucros).

A renda nacional disponível pode ser afetada pelas variações na taxa de juros. Conforme Caves (2001, p.340), a taxa de juros é o mecanismo de transmissão da oferta monetária para a renda. Com uma redução nesta taxa, as empresas e

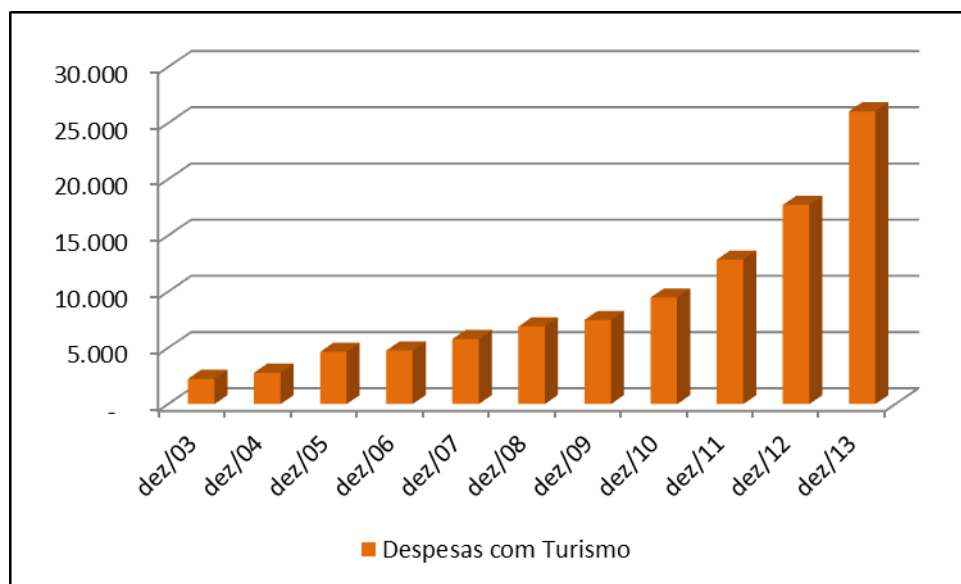
famílias ficam mais propensas a ampliar, respectivamente, o investimento e o consumo. Ou seja, o turista brasileiro, por exemplo, estaria disposto a gastar mais com turismo caso a taxa de juros seja reduzida. O efeito inverso na taxa de juros causa um efeito também inverso no padrão do consumidor.

### 3 CONTRIBUIÇÃO DO TURISMO NA ECONOMIA BRASILEIRA

#### 3.1 PARTICIPAÇÃO DO TURISMO NO PIB BRASILEIRO

A conta de despesas com turismo no balanço de pagamentos brasileiro vem apresentando um elevado índice de crescimento, conforme dados apresentados no gráfico 1, sobretudo entre 2004 e 2005, quando houve um aumento de 66,89%; e também a partir de 2010, quando a variação em relação ao ano anterior ultrapassou 25%, chegando a apresentar um aumento de 47% entre 2012 e 2013 (ver tabela 1).

Gráfico 1 – Conta de despesas com turismo do balanço de pagamentos  
(R\$ milhões, valores correntes)



Fonte: Elaborado pelo autor, dados do Banco Central. <sup>7</sup>

<sup>7</sup> No gráfico 1 e tabela 1, os dados referentes às despesas com turismo foram apresentados com sinal positivo apenas para demonstrar o aumento em valores absolutos desta conta do balanço de pagamentos. Os dados oficiais do Banco Central são apresentados com sinal negativo, indicando desta forma uma despesa.

Tabela 1 – Variação anual da conta de despesas com turismo

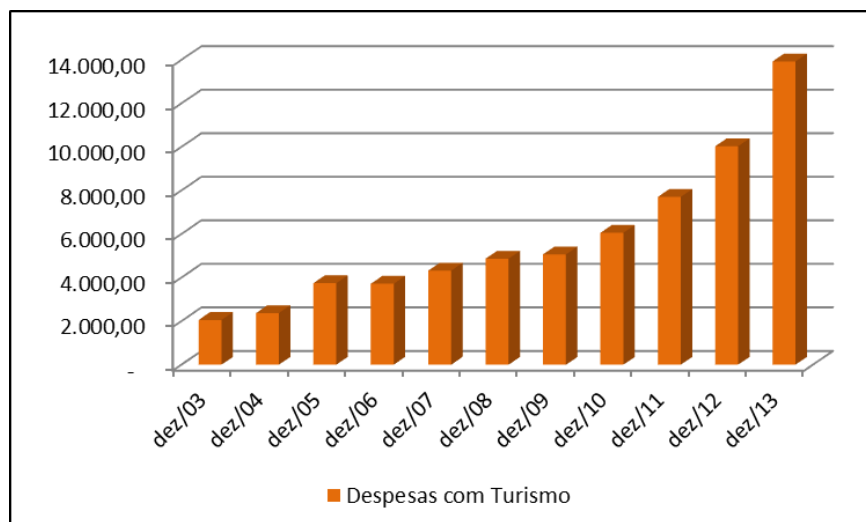
Data	Despesas com Turismo R\$ milhões	Variação % em relação ao ano anterior
2003	2.245	-
2004	2.788	24,19%
2005	4.653	66,89%
2006	4.766	2,43%
2007	5.787	21,42%
2008	6.905	19,32%
2009	7.494	8,53%
2010	9.489	26,62%
2011	12.857	35,49%
2012	17.724	37,85%
2013	26.055	47,00%

Fonte: Elaborado pelo autor, dados do Banco Central.

A variação total entre os anos de 2003 e 2013 ultrapassa 1.000% (considerando os valores correntes apresentados na tabela 1). Mesmo se considerar os efeitos da inflação e apresentar os valores corrigidos, a variação continua sendo muito significativa, já que a inflação acumulada para o período é menor do que 90%.

O gráfico 2 apresenta os dados da despesa com turismo, deflacionados pelo índice de inflação IPCA. Assim como apresentado no gráfico 1, notamos variações percentuais significativas entre 2004 e 2005 e também a partir de 2010.

Gráfico 2 – Conta de despesas com turismo do balanço de pagamentos  
(R\$ milhões, valores deflacionados pelo IPCA)



Fonte: Elaborado pelo autor, dados do Banco Central e IBGE. <sup>8</sup>

<sup>8</sup> No gráfico 2, os dados referentes às despesas com turismo foram apresentados com sinal positivo apenas para demonstrar o aumento em valores absolutos desta conta do balanço de pagamentos. Os dados oficiais do Banco Central são apresentados com sinal negativo, indicando uma despesa.

Este comportamento da conta de despesas com turismo apresenta também crescimento quando o confrontamos o resultado com o comportamento do PIB brasileiro. Foi criado neste trabalho um índice que faz um comparativo da participação percentual das despesas com turismo sobre o valor total do PIB brasileiro, ambas as variáveis apresentadas em termos correntes. Desta forma, podemos notar que há um crescimento mais acelerado na conta de despesas com turismo do que o crescimento do próprio PIB. Enquanto o valor absoluto das despesas com turismo em 2003 representava pouco mais do que 0,1%, em 2013, este número passa de 0,5% (ver tabela 2)

Tabela 2 – Despesas com turismo e PIB

Data	Despesas com Turismo R\$ milhões	PIB a preços correntes R\$ milhões	% sobre o PIB
dez/03	2.245	1.699.948	0,13%
dez/04	2.788	1.941.499	0,14%
dez/05	4.653	2.147.240	0,22%
dez/06	4.766	2.369.483	0,20%
dez/07	5.787	2.661.343	0,22%
dez/08	6.905	3.032.204	0,23%
dez/09	7.494	3.239.404	0,23%
dez/10	9.489	3.770.085	0,25%
dez/11	12.857	4.143.015	0,31%
dez/12	17.724	4.392.094	0,40%
dez/13	26.055	4.844.815	0,54%

Fonte: Elaborado pelo autor, dados do Banco Central.

### 3.2 PARTICIPAÇÃO DO TURISMO NO BALANÇO DE PAGAMENTOS

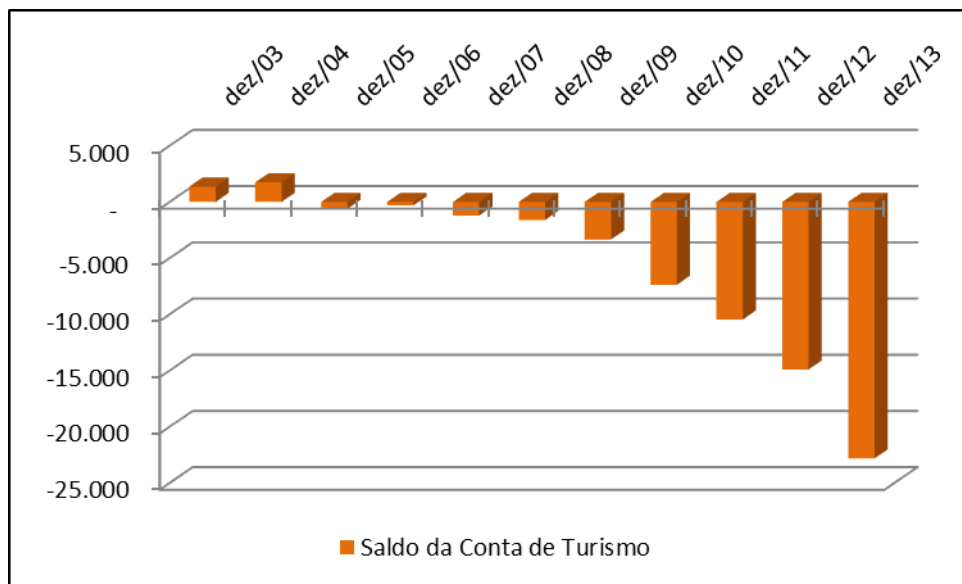
No início do período analisado, ou seja, em 2003 e 2004, a conta de turismo no balanço de pagamentos apresentou saldo positivo, com uma maior arrecadação a partir do turismo receptivo do que os gastos com turismo dos brasileiros no exterior. Porém, a partir do ano de 2005, o saldo da conta de turismo apresenta valores negativos, indicando que há um maior volume de despesas do que o volume

de receitas com este tipo de serviço, conforme apresentado no gráfico 3. Inicialmente, este saldo negativo mantém-se relativamente, baixo entre 2005 e 2008.

Podemos notar também uma forte tendência de crescimento (negativo) a partir do ano de 2008. Quando estes dados são confrontados com o resultado também negativo do saldo em transações correntes, há um forte crescimento da participação do resultado negativo da conta de turismo no saldo em transações correntes, passando de 3,72% em 2008 para 12,92% em 2013 (ver tabela 3).

A tabela 3 apresenta a série entre 2008 e 2013 da participação percentual que o saldo da conta de turismo representa sobre o saldo total em transações correntes do balanço de pagamentos. Assim podemos notar que há um déficit em transações correntes cada vez maior nos últimos anos do período analisado, e que o saldo da conta de turismo cresce ainda mais rápido, contribuindo para que o déficit em transações correntes seja cada vez maior.

Gráfico 3 – Saldo da conta de turismo do balanço de pagamentos  
(R\$ milhões, valores correntes)



Fonte: Elaborado pelo autor, dados do Banco Central.



Tabela 3 – Saldo da conta de turismo e saldo em transações correntes <sup>9</sup>

<b>Data</b>	<b>Saldo Conta Turismo no Balanço de Pagamentos US\$ milhões</b>	<b>Transações correntes a preços correntes US\$ milhões</b>	<b>%</b>
2008	- 1.047	- 28.192	3,72%
2009	- 1.854	- 24.302	7,63%
2010	- 4.214	- 47.273	8,91%
2011	- 6.295	- 52.473	12,00%
2012	- 7.583	- 54.249	13,98%
2013	- 10.516	- 81.374	12,92%

<sup>9</sup> Para efeitos de análise, foi considerado nesta tabela somente o período entre 2008 e 2013, pois foi a partir de 2008 que o saldo da conta de turismo começou a apresentar resultados negativos.

## 4 CONTRIBUIÇÃO DA CONTA DE TURISMO

No capítulo anterior foi apresentado o relevante crescimento da conta de despesas com turismo. Agora segue um comparativo entre o crescimento da conta de despesas e o comportamento da conta de receitas com turismo. Aqui também serão apresentadas as variáveis escolhidas para estudo – taxa de câmbio, taxa de juros, taxa de desemprego, rendimento médio e taxa de inflação. Será observado o comportamento destas durante o período analisado, bem como um comparativo entre estes movimentos e o comportamento da variável despesa com turismo.

Ao final do capítulo, será apresentada uma análise sobre o comportamento conjunto destas variáveis em relação às despesas com turismo e também um quadro resumo demonstrando o comportamento individual de cada variável durante o período e para qual direção cada uma destas influencia a conta de despesas.

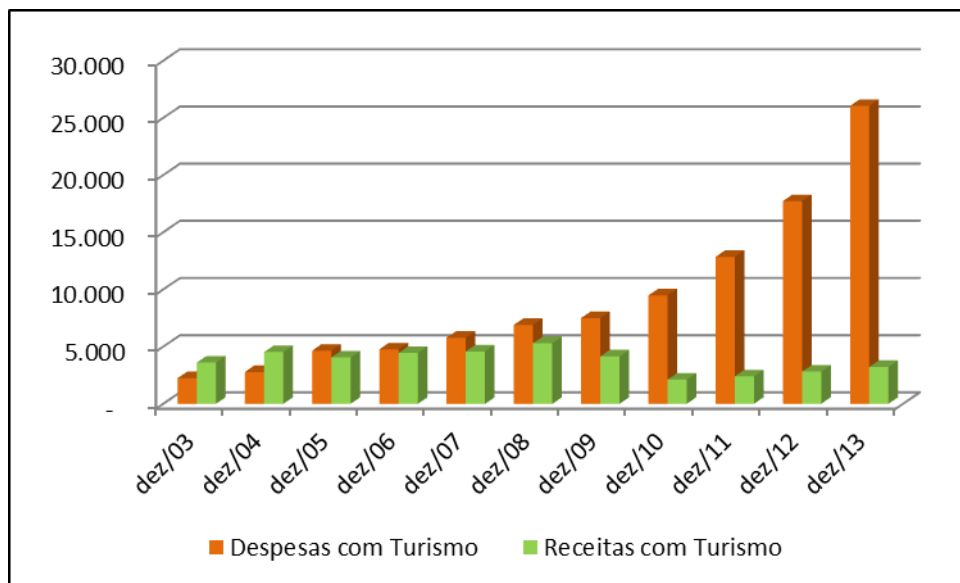
### 4.1 EVOLUÇÃO DA CONTA DE TURISMO

O Brasil é um país com dimensões continentais e possui um enorme potencial turístico; porém, conforme apresentado pelo gráfico 4, a arrecadação de recursos com o turismo receptivo mantém-se constante durante o período analisado, sofrendo até mesmo com uma redução significativa a partir de 2008 até 2010, como um reflexo direto do ambiente econômico externo, afetado pela crise de 2008. Uma pequena recuperação em termos nominais correntes pode ser notada a partir deste evento, porém, muito insignificante, se comparado ao comportamento da conta de despesas.

O gráfico 4 apresenta, portanto, uma comparação entre as receitas e despesas, evidenciando que os valores da conta de despesas disparam a partir de 2008, produzindo certo “descolamento” entre as duas contas, ampliando cada vez mais o déficit no saldo da conta de turismo do balanço de pagamentos. Importante também notar que, no início do período em questão, os valores de receita eram superiores aos valores de despesa, fato este que mantinha o saldo positivo para esta conta. Entretanto, este comportamento permanece somente durante os dois primeiros anos do período, invertendo já a partir de 2005.

Os dados apresentados no gráfico 4 são valores correntes. Ao deflacionar os valores de acordo com os índices de inflação, o resultado é ainda mais preocupante. Utilizando os dados apresentados na tabela 4, a inflação acumulada para o período passa de 60%, ou seja, ao incluir a variável inflação neste comparativo, os valores com receitas são muito inferiores em 2013 do que em 2003.

Gráfico 4 – Receitas e despesas com turismo no balanço de pagamentos  
(R\$ milhões, valores correntes)



Fonte: Elaborado pelo autor, dados do Banco Central.<sup>10</sup>

Mesmo sendo muito significativo o aumento na conta de despesas, este comportamento não pode ser tratado como algo anormal, considerando a evolução das demais variáveis econômicas como, por exemplo, o aumento do rendimento médio, a redução nas taxas de juros e a redução na taxa de desemprego. Nos próximos itens, serão apresentados os comportamentos destas variáveis e o comparativo de cada uma delas em relação às despesas com turismo.

O que parece anormal é, na verdade, o comportamento da conta de receitas. Os valores correntes em 2013 são menores do que os valores em 2003, indicando uma forte retração na arrecadação de receitas com o turismo receptivo. Este é

<sup>10</sup> No gráfico 4, os dados referentes às despesas com turismo foram apresentados com sinal positivo apenas para a comparação em valores absolutos com a conta de receitas do balanço de pagamentos. Os dados oficiais do Banco Central são apresentados com sinal negativo, indicando uma despesa.

principal responsável pelo recorrente déficit no saldo do turismo do balanço de pagamentos.

#### 4.2 TAXA DE INFLAÇÃO E TAXA DE CÂMBIO

Durante o período analisado, a variável taxa de inflação, que aqui neste trabalho será representada pelo índice IPCA, apresenta uma redução de 9,30% para 5,91%, conforme apresentado na tabela 4. Notamos que esta variável possui um comportamento de leve redução com algumas oscilações como, por exemplo, uma redução significativa entre 2003 e 2006, permanecendo após este período próximo de 6%.

O gráfico 5 apresenta um comparativo entre esta redução na taxa de inflação com o crescimento das despesas de viagem. O comportamento das duas variáveis é inverso durante todo o período analisado. Neste gráfico, podemos notar que há uma relação inversa entre o comportamento da taxa de inflação com o aumento das despesas com viagens.

No início do período, há uma redução muito significativa na taxa de inflação e um leve crescimento nas despesas com turismo; porém, há uma tendência de estabilização da taxa de inflação para 6% após 2010, enquanto que a conta de despesas começa a apresentar um crescimento muito mais forte. O regime de metas de inflação adotado pela equipe econômica do governo brasileiro é o principal responsável pela manutenção do nível da taxa.<sup>11</sup>

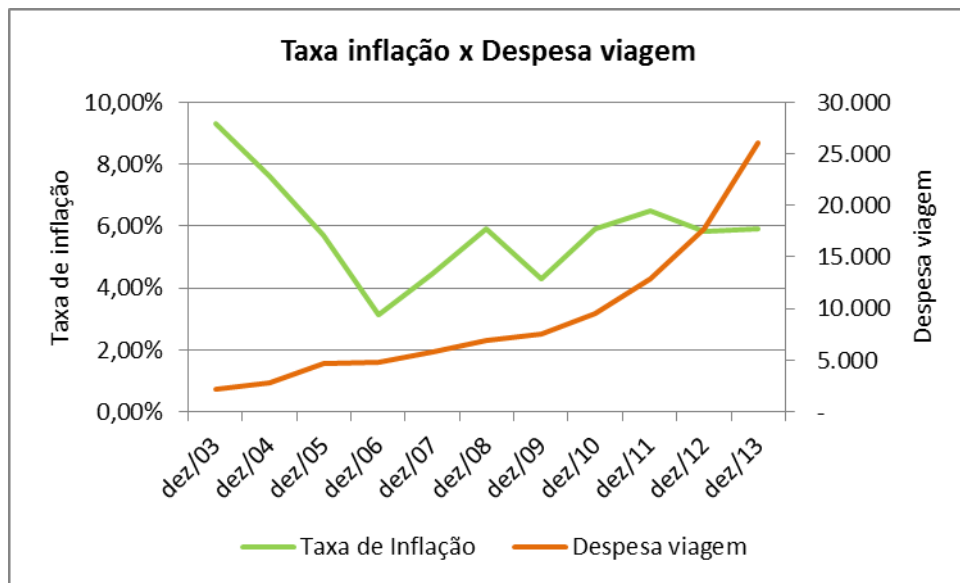
Tabela 4 – Taxa de inflação - IPCA

<b>Data</b>	<b>Taxa de inflação IPCA (%)</b>
2003	9,30%
2004	7,60%
2005	5,69%
2006	3,14%
2007	4,46%
2008	5,90%
2009	4,31%
2010	5,91%
2011	6,50%
2012	5,84%
2013	5,91%

Fonte: Elaborado pelo autor, dados do Banco Central.

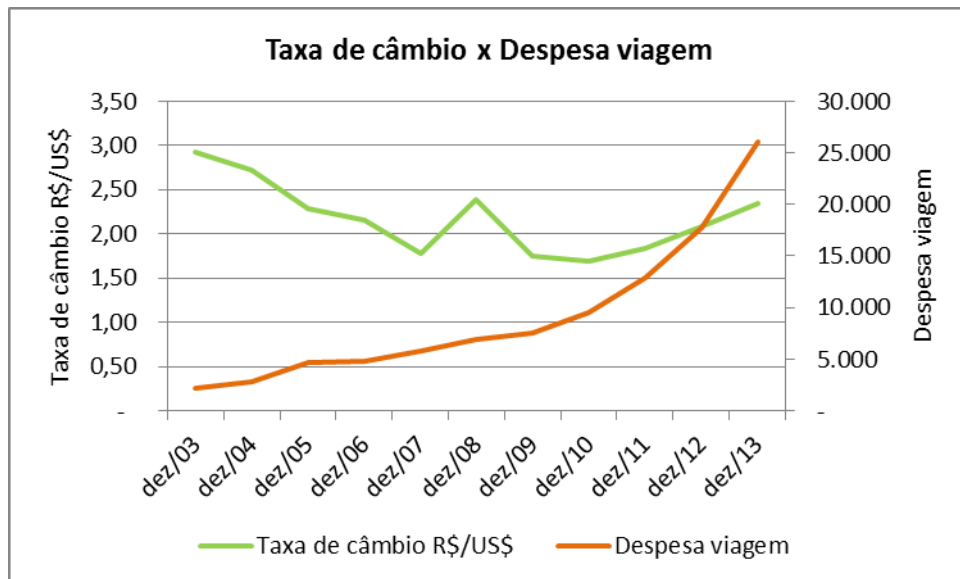
<sup>11</sup> A partir de 2006, a meta de inflação anual estabelecida pelo Banco Central do Brasil é 4,5% a.a. com uma banda 2% (intervalo de tolerância).

Gráfico 5 – Despesas com turismo e taxa de inflação  
(R\$ milhões, valores correntes)



Fonte: Elaborado pelo autor, dados do Banco Central e IBGE.

Gráfico 6 – Despesas com turismo e taxa de câmbio  
(R\$ milhões, valores correntes)



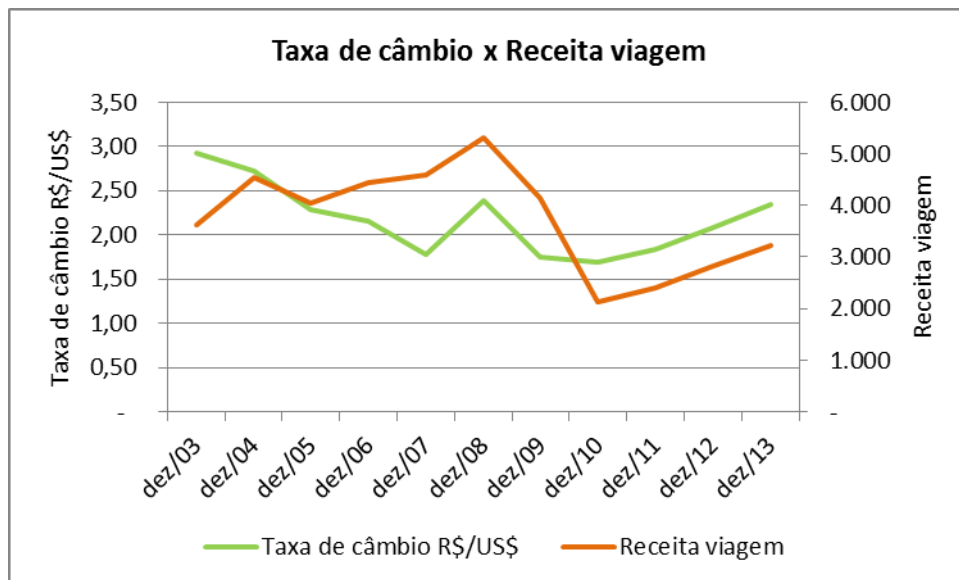
Fonte: Elaborado pelo autor, dados do Banco Central.

Entre 2003 e 2013, a variável taxa de câmbio, que aqui neste trabalho será representada pela taxa nominal média para o mês de dezembro de cada ano, apresenta uma redução de R\$ 2,924 para R\$ 2,345, conforme apresentado no gráfico 6. Entre os anos de 2007 e 2009, esta variável apresenta um salto, passando de R\$ 1,764 (2007) para R\$ 2,394 (2008) retornando para R\$ 1,750 (2009).

A turbulência externa causada pela crise de 2008 pode explicar este distúrbio na curva. O comportamento das duas variáveis é inverso durante todo o período analisado. Neste gráfico podemos notar que há uma relação inversa entre o comportamento da taxa de câmbio com o aumento das despesas com viagens. Apesar do leve crescimento na taxa de câmbio a partir de 2009, a curva desta variável apresenta uma queda geral entre o início e o final do período.

Neste período, podemos comparar também a conta de receitas com turismo e as variações na taxa de câmbio. O gráfico 7 apresenta uma relação direta entre a queda nominal nas receitas e uma valorização do câmbio. Aqui podemos notar que a variável taxa de câmbio possui uma influência muito maior sobre as receitas do que sobre as despesas com turismo. Ou seja, o turista estrangeiro é mais afetado, ou tem suas preferências alteradas em função da oscilação na taxa de câmbio. Por exemplo, quando o real está muito valorizado, há uma tendência maior de retração no volume turístico receptivo, enquanto que na situação de real mais desvalorizado, a tendência é de aumento no fluxo de turistas para o Brasil.

Gráfico 7 – Receitas com turismo e taxa de câmbio  
(R\$ milhões, valores correntes)



Fonte: Elaborado pelo autor, dados do Banco Central.

### 4.3 TAXA DE JUROS E RENDA NACIONAL

Durante o período analisado, a variável taxa de juros, que aqui neste trabalho será representada pela taxa SELIC, apresenta uma redução, conforme apresentado na tabela 5. A taxa passa de 16,5% em 2003 para 10,0% em 2013. Durante o período, há também algumas oscilações significativas como a redução de 13,75% em 2008 para 8,75% em 2009, numa clara demonstração de incentivo ao consumo, que havia sido afetado pela crise de 2008.

O comitê de política monetária do Banco Central utiliza esta variável para controlar a demanda e, assim, manter estável o índice de inflação. Entre 2011 e 2013, também notamos uma forte queda e logo uma elevação no ano seguinte. O gráfico 8 apresenta um comparativo entre esta redução na taxa de juros com o crescimento das despesas de viagem. O comportamento das duas variáveis é inverso durante todo o período analisado.

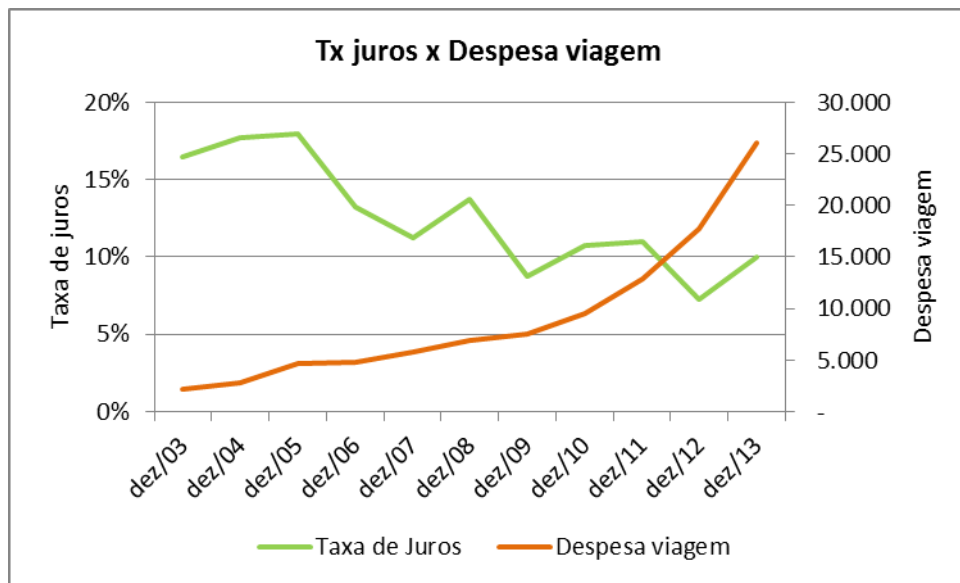
Neste gráfico, podemos notar que há uma relação inversa entre o comportamento da taxa de juros com o aumento das despesas com viagens. A efetiva redução na taxa de juros colabora (e muito) para que aumente a demanda também por turismo. Especialmente quando falamos em viagens internacionais, a redução da taxa de juros, com conseqüente expansão no crédito, contribui fortemente para que mais pessoas estejam em condições de poder investir em turismo.

Tabela 5 – Taxa de juros - SELIC

<b>Data</b>	<b>Taxa de juros SELIC (%)</b>
2003	16,50%
2004	17,75%
2005	18,00%
2006	13,25%
2007	11,25%
2008	13,75%
2009	8,75%
2010	10,75%
2011	11,00%
2012	7,25%
2013	10,00%

Fonte: Elaborado pelo autor, dados do Banco Central.

Gráfico 8 – Despesas com turismo e taxa de juros  
(R\$ milhões, valores correntes)



Fonte: Elaborado pelo autor, dados do Banco Central.

Durante o período analisado, a variável renda nacional, que aqui neste trabalho será representada pelo rendimento médio nominal do trabalho principal<sup>12</sup>, apresenta (em valores correntes) um crescimento conforme apresentado na tabela 6. Este aumento durante o período representa um crescimento real, quando comparamos o aumento percentual do rendimento em relação ao ano anterior com o índice de inflação para cada ano. Nesta comparação, durante praticamente todo o período, com exceção de 2004, o aumento do rendimento médio foi superior ao aumento da inflação (ver tabela 6).

Com exceção de 2004, onde o percentual de aumento do rendimento médio em relação ao ano anterior ficou abaixo do índice de inflação registrado pelo IPCA. Durante todo o restante do período, o aumento percentual do rendimento foi superior aos índices de inflação, com destaque especial para os anos de 2005, 2008 e 2010, quando este aumento foi praticamente o dobro do aumento registrado pela inflação. Durante o período analisado, o crescimento total do rendimento médio foi de 128,27%, enquanto que o crescimento da inflação foi de 71,13%, evidenciando assim um aumento real do rendimento médio dos brasileiros.

<sup>12</sup> Rendimento médio nominal do trabalho principal, habitualmente recebido por mês, pelas pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas no trabalho principal da semana de referência (tabela 2189 do IBGE).



Tabela 6 – Rendimento médio nominal do trabalho principal

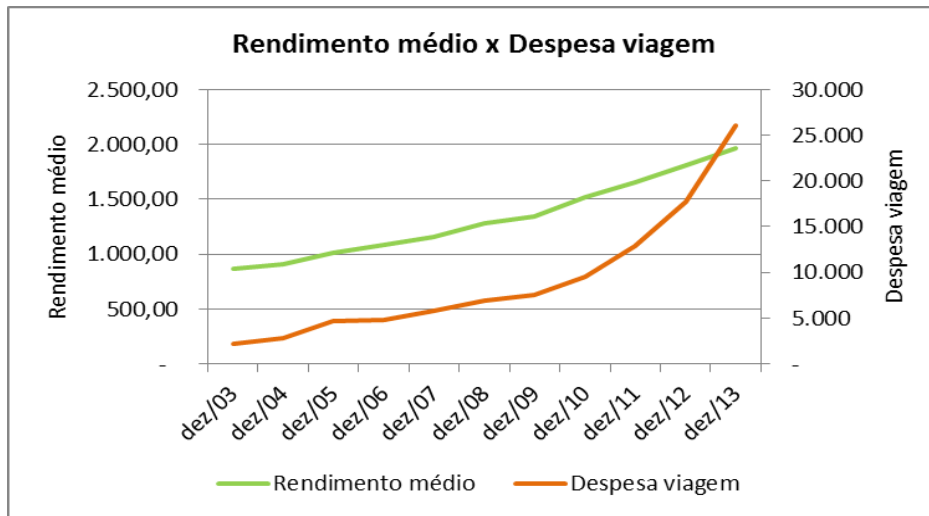
Data	Rendimento médio nominal do trabalho principal (R\$)	% de aumento em relação ao ano anterior	Índice de inflação IPCA
dez/2003	861,60	-	-
dez/2004	908,00	5,39%	7,60%
dez/2005	1.010,80	11,32%	5,69%
dez/2006	1.085,70	7,41%	3,14%
dez/2007	1.161,60	6,99%	4,46%
dez/2008	1.282,40	10,40%	5,90%
dez/2009	1.344,40	4,83%	4,31%
dez/2010	1.515,10	12,70%	5,91%
dez/2011	1.650,00	8,90%	6,50%
dez/2012	1.805,00	9,39%	5,84%
dez/2013	1.966,90	8,97%	5,91%

Fonte: Elaborado pelo autor, dados do IBGE.

O gráfico 9 apresenta um comparativo entre este crescimento do rendimento médio com o crescimento das despesas de viagem. O comportamento das duas variáveis é bem semelhante desde o início do período até 2010, quando o crescimento das despesas começa com um crescimento a taxas maiores do que o rendimento médio. Neste gráfico, podemos notar que há uma relação direta entre o crescimento do rendimento médio do brasileiro com o aumento das despesas com viagens. O mesmo fenômeno que ocorre com a redução na taxa de juros, quando os brasileiros ampliam a sua demanda por turismo, ocorre também quando o rendimento médio aumenta.

A diferença é que a relação entre o rendimento médio e a despesa com turismo é direta: quanto mais o trabalhador recebe de salário, mais poderá utilizar para viagens internacionais. O efeito conjunto das variáveis taxa de juros (redução) e rendimento médio (aumento) pode explicar o crescimento mais acelerado nas despesas com turismo a partir de 2010, conforme apresentado no gráfico 9 abaixo.

Gráfico 9 – Despesas com turismo e rendimento médio  
(R\$ milhões, valores correntes)



Fonte: Elaborado pelo autor, dados do Banco Central e IBGE.

#### 4.4 TAXA DE DESEMPREGO E PRODUTO INTERNO BRUTO

Durante o período analisado, a variável taxa de desemprego, que aqui neste trabalho será representada pela média anual da taxa de desocupação<sup>13</sup>, apresenta uma redução de 12,32% para 5,39%, conforme apresentado na tabela 7. Com exceção dos anos seguintes à crise mundial de 2008, ou seja, em 2009 quando a taxa de desemprego apresentou um leve aumento, passando de 7,89% para 8,09%, durante todo o restante do período a taxa de desemprego vem demonstrando comportamento decrescente.

O gráfico 10 apresenta um comparativo entre esta redução na taxa de desemprego com o crescimento das despesas de viagem. O comportamento das duas variáveis é inverso durante todo o período analisado. Neste gráfico, podemos notar que há uma relação inversa entre o comportamento da taxa de desemprego com o aumento das despesas com viagens. Também neste caso, com um maior número de pessoas empregadas, é natural que mais pessoas consumam mais turismo. De maneira análoga à redução da taxa de juros com expansão do crédito, a redução na taxa de desemprego contribui para que os gastos com turismo sejam cada vez maiores no decorrer do período analisado.

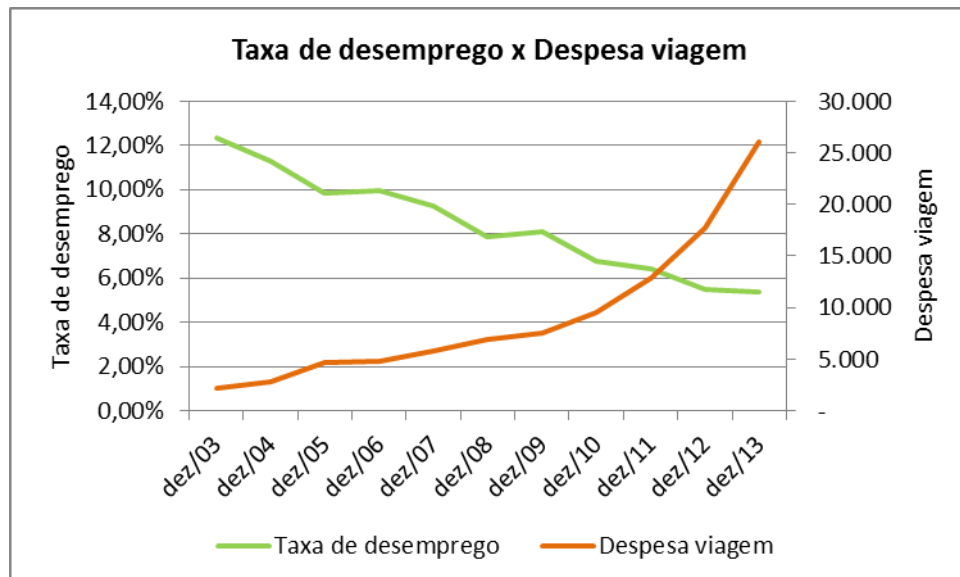
<sup>13</sup> Média anual da taxa de desocupação na semana de referência, das pessoas de 10 anos ou mais de idade (tabela 2176 do IBGE).

Tabela 7 – Taxa de desemprego

Data	Taxa de desemprego (%)
2003	12,32%
2004	11,29%
2005	9,83%
2006	9,98%
2007	9,29%
2008	7,89%
2009	8,08%
2010	6,74%
2011	6,42%
2012	5,50%
2013	5,39%

Fonte: Elaborado pelo autor, dados do IBGE.

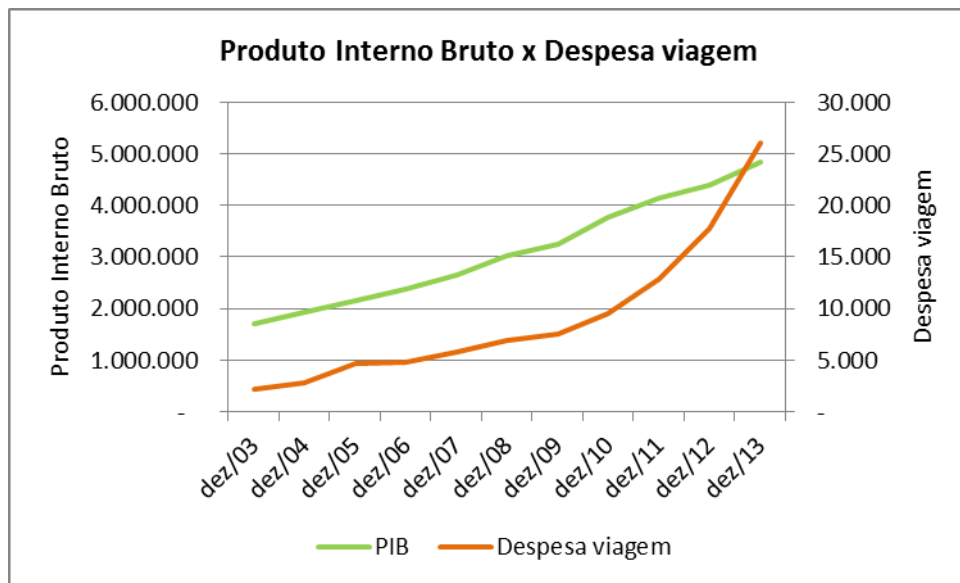
Gráfico 10 – Despesas com turismo e taxa de desemprego  
(R\$ milhões, valores correntes)



Fonte: Elaborado pelo autor, dados do Banco Central e IBGE.

Durante o período analisado, a variável PIB apresenta (em valores correntes) um crescimento conforme o gráfico 11, que apresenta um comparativo entre este crescimento do PIB com o crescimento das despesas de viagem. O comportamento das duas variáveis é bem semelhante desde o início do período até 2010, quando o crescimento das despesas começa um crescimento a taxas maiores do que o PIB. Neste gráfico podemos notar que há uma relação direta entre o crescimento do PIB brasileiro com o aumento das despesas com viagens. O mesmo fenômeno que ocorre com o aumento do rendimento médio, quando os brasileiros ampliam a sua demanda por turismo, ocorre também quando o PIB aumenta.

Gráfico 11 – Despesas com turismo e produto interno bruto  
(R\$ milhões, valores correntes)



Fonte: Elaborado pelo autor, dados do Banco Central.

#### 4.5 EFEITO SIMULTÂNEO SOBRE A CONTA DE TURISMO

Até aqui, todas as variáveis estudadas foram apresentadas de forma individualizada, na tentativa de demonstrar como cada uma destas variáveis pode influenciar no comportamento da conta de despesas com turismo. Assim, podemos verificar quais possuem influência direta, como é o caso do rendimento médio, e quais são as que possuem comportamento inverso, como é o caso da taxa de juros, taxa de câmbio, taxa de inflação e taxa de desemprego. Porém, sabemos que estes eventos não ocorrem de maneira isolada e que os efeitos produzidos pelo conjunto destas variáveis podem ampliar os resultados na variável de estudo, no caso, as despesas com turismo.

Isto é o que realmente podemos verificar quando analisamos o comportamento fortemente crescente destas despesas dos brasileiros com turismo, pois, para o período analisado, todas as variáveis consideradas no estudo parecem convergir para um mesmo ponto, ou seja, a taxa de juros, a taxa de inflação, a taxa de câmbio e a taxa de desemprego são decrescentes, contribuindo para a expansão nas despesas. Assim ocorre com a ampliação no rendimento médio do brasileiro, que acaba contribuindo também para o aumento das despesas.

A tabela 8 apresenta um resumo dos comportamentos de cada variável e como cada uma destas contribui para a conta de despesas com turismo. Podemos notar que em todos os casos a influência é no mesmo sentido, ou seja, na direção de ampliação dos gastos.

Tabela 8 – Influência das variáveis sobre as despesas com turismo

<b>Variável</b>	<b>Comportamento da Variável</b>	<b>Influência sobre a conta de despesas com turismo</b>
Taxa de Inflação	Decrescente	Aumento
Taxa de Câmbio	Decrescente	Aumento
Taxa de Desemprego	Decrescente	Aumento
Rendimento Médio	Crescente	Aumento
Taxa de Juros	Decrescente	Aumento
Produto Interno Bruto	Crescente	Aumento

Fonte: Elaborado pelo autor.

## CONCLUSÃO

A importância que o setor de serviços vem representando na economia mundial, com ampliação na participação das exportações totais e com significativos índices de crescimento, torna cada vez mais relevante o estudo deste segmento da economia, identificando de que maneira as receitas e despesas internacionais com este setor se comportam frente às movimentações das variáveis econômicas, seu comportamento frente às crises e turbulência mundiais e de que maneira ocorre sua recuperação.

No caso brasileiro, entre 2003 e 2013, há certo descolamento entre as contas de receitas – que permanecem constantes durante o período – e as despesas, que apresentam um crescimento de acordo com o esperado, dados os movimentos das variáveis: taxa de inflação, taxa de juros, rendimento médio, taxa de câmbio e taxa de desemprego, para o período analisado, validando assim a hipótese inicial de influência destas variáveis sobre a conta de turismo do balanço de pagamentos.

Com o processo de globalização cada vez mais intenso, os fluxos de bens e serviços se tornam cada vez mais dinâmicos. Com o advento de novas tecnologias de comunicação, comércio eletrônico, ambiente internacional favorável (com exceção de 2008/2009 devido à crise internacional), crescimento econômico do Brasil para o período e uma melhoria significativa no processo de redistribuição de renda, o comportamento das variáveis analisadas está conforme o esperado: aumento no PIB e no rendimento médio, com redução na taxa de inflação, taxa de câmbio, taxa de desemprego e taxa de juros.

Conforme demonstrado no capítulo 4, o comportamento de todas as variáveis durante o período de análise converge para o mesmo resultado, um aumento nas despesas com turismo, ou seja, há uma ampliação dos efeitos individuais de cada variável, potencializando assim o crescimento das despesas.

Durante este período, houve um crescimento no rendimento médio do brasileiro e ao mesmo tempo houve uma redução na taxa de inflação, na taxa de desemprego, taxa de câmbio e na taxa de juros. De acordo com as tabelas e gráficos apresentados, há evidências de que há uma relação entre a conta de despesas e as variáveis em questão. Esta conta movimenta-se no mesmo sentido do crescimento do rendimento médio e, conseqüentemente, no sentido inverso da

redução registrada pelas demais variáveis. O comportamento destas variáveis reflete o contexto da economia brasileira durante o período de análise.

A tabela 8 traz um resumo com o comportamento individual de cada variável e também de que maneira cada variável influencia a conta de despesas de maneira individualizada. Como todos os efeitos ocorrem ao mesmo tempo, não há outro resultado esperado senão o aumento desenfreado nestas despesas.

Assim, podemos considerar que o resultado para a conta de despesas está dentro do esperado, pois estas variáveis afetam diretamente os brasileiros, alterando a cada momento a sua decisão de investir mais ou menos em gastos com viagens. Por outro lado, as receitas oriundas do turismo receptivo não sofrem qualquer influência destas variáveis, com exceção da taxa de câmbio, pois, quando o câmbio está desvalorizado, é natural que ocorra um aumento no fluxo de turistas para o Brasil (ver gráfico 7). Para alavancar esta conta, são necessários mais investimentos aliados a políticas públicas e privadas direcionadas para o setor.

Conforme SERSON (2000, p.233), mesmo o Governo Federal encarando a indústria turística como sendo o setor com as melhores perspectivas de alcançar os objetivos de aumento da captação de divisas, da geração de empregos, desconcentração de renda, redução das desigualdades regionais e até mesmo melhoria da qualidade de vida, o Brasil apresenta uma evolução muito pequena neste setor quando comparamos com o potencial turístico do país.

O Brasil possui dimensões continentais, com distintas regiões com clima e demais características diferentes, além de uma ampla variedade cultural e histórica. Todos estes fatores tornam o nosso país como um local com grande potencial turístico que poderia (e deveria) ser melhor explorado quando o assunto é atração de turistas estrangeiros.

Infelizmente os dados de receita com turismo apresentados neste trabalho apontam um fraco desempenho neste item, demonstrando assim que o Brasil deve ampliar os esforços neste sentido, fazendo com que este setor, que surge como um dos principais itens da balança de serviços no mundo seja também um gerador de receitas para equilíbrio desta conta no balanço de pagamentos e também um gerador de emprego e renda para os trabalhadores brasileiros deste setor.

Além dos fatores econômicos há também um conjunto de fatores não econômicos que podem apresentar certa influência na conta de receitas com

turismo, como questões envolvendo segurança pública e violência, fatores geográficos, desejos, motivações, gostos e preferências pessoais.

Muitos países tem no turismo uma importante fonte de receitas. Assim ocorre em países desenvolvidos como é o caso da França, Espanha, Alemanha e Itália, mas também com outros países como Tailândia, Malásia, México, Singapura, Egito entre outros. Todos estes países servem como exemplo de como incentivar e atrair turistas, pois apesar de possuírem área bem menor que o Brasil e um potencial turístico inferior ao nosso, conseguem ampliar a cada ano a arrecadação com este setor.

O Brasil acaba se tornando muito dependente de grandes eventos para atração de turistas estrangeiros como: os jogos pan-americanos (Rio 2007), a jornada mundial da juventude (Rio 2013), a copa do mundo de futebol (2014) e Carnaval (todos os anos).

Se as receitas com turismo não conseguem seguir esta mesma trajetória de crescimento rápido que ocorre com as despesas, as contas externas serão cada vez mais deficitárias, ampliando a vulnerabilidade externa.



## REFERÊNCIAS

CARVÃO, S. Tendências do turismo internacional. **Revista Turismo e Patrimônio**. Madrid, n.4, p.17-32, 2009. Disponível em: < <http://www.exedrajournal.com/docs/S-tur/02-Sandra-Carvao-32.pdf>> Acesso em: 17 mai. 2014.

CAVES, R E. **Economia internacional**: comércio e transações globais. 8.ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

CONFERENCIA DE LAS NACIONES UNIDAS SOBRE COMERCIO Y DESARROLLO. **Informe de la reunión multianual de expertos sobre comercio, servicios y desarrollo acerca de su segundo período de sesiones**. 02 de maio de 2014. Disponível em: <[http://unctad.org/meetings/es/Sessio nalDocuments/c1mem4d6\\_es.pdf](http://unctad.org/meetings/es/Sessio%20nalDocuments/c1mem4d6_es.pdf)> Acesso em 01 set 2014.

FARIA, D.M. Desenvolvimento e turismo: uma abordagem conceitual. **Texto para discussão n° 462**. Belo Horizonte: Biblioteca da FACE/UFMG, 2012.

FEIJÓ, C. A. **Contabilidade social**: a nova referência das contas nacionais do Brasil. 3.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, Campus, 2004.

FERNANDES, I. P.; COELHO, M. F. **Economia do turismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

FERREIRA, L.D. Estudo analítico das variáveis da macro envolvente de um destino turístico. **Tékhe Revista de Estudos Politécnicos**. Barcelos, Portugal, v.2, n.4, p.135-147, dez 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/tek/n4/v2n4a09.pdf>> Acesso em: 17 mai. 2014.

HJALAGER, A.M. Stages in the economic globalization of tourism. **Annals of Tourism Research**, v.34, n.2, p.437-457. 2007. Disponível em: <<http://art-lectures.de/hjalager.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2014.

LOIOLA, E. Turismo e desenvolvimento local sustentado. **Revista de Administração Pública**. v.38, n.5, p.817-848. 2004. Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6755/5337>> Acesso em: 08 mai. 2014.

MEURER, R. O comportamento das receitas de viagens internacionais do Brasil: uma explicação macroeconômica. **Turismo em Análise**, São Paulo, v.17, n.especial, p.75-90, janeiro, 2006. Disponível em: < [www.revistas.usp.br/rta/article/download/63757/66522](http://www.revistas.usp.br/rta/article/download/63757/66522)> Acesso em: 16 abr. 2014.

MILONE, M. C. M; MILONE, P. C. Perspectivas do turismo no terceiro milênio. In: LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. **Turismo**: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2000. p. 353-372.

MILONE, P. C. Agregados macroeconômicos e turismo. In: LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. **Turismo: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000. p. 333-340.

MIYASHIRO, R; DOPICO, E.L. **Turismo e hospitalidade na região metropolitana de Florianópolis**: reflexões sobre a qualificação e certificação profissional. Florianópolis: Escola de Turismo e Hotelaria Canto da Ilha, 2009. Disponível em: < [http://www.escoladostrabalhadores.org.br/sistema/publicacoes\\_jornal/30/publicacao.pdf](http://www.escoladostrabalhadores.org.br/sistema/publicacoes_jornal/30/publicacao.pdf)> Acesso em 08 mai. 2014.

MONTEJANO, J.M. **Estrutura do mercado turístico**. São Paulo: Roca, 2001.

MOURA, F. A.; MONTINI, A. Modelagem da demanda turística internacional para o estado de São Paulo. **Sociedade, contabilidade e gestão**, Rio de Janeiro, v.5, n.2, p.133-147, jul/dez 2010. Disponível em: < <http://www.atena.org.br/revista/ojs-2.2.3-08.OLD/index.php/ufrrj/article/viewFile/929/887>> Acesso em: 01 abr. 2014.

OLIVEIRA, F.M. **Turismo e trabalho no Brasil**. 2009. Dissertação (Mestrado em desenvolvimento econômico) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de economia. Campinas, 2003. Disponível em: < <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/doc/ument/?view=000469245>> Acesso em: 08 mai. 2014.

PAULANI, L. M.; BRAGA, M. B. **A nova contabilidade social**. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

RABAHY, W. Conta turismo: o peso na economia dos países. **Turismo em números: caderno de estatísticas**, São Paulo, v.21, p.1-8, 2003. Disponível em: <http://fama2.us.es:8080/FAAD666C-4467-423D-91BB-94EC7E6DE126/FinallDownload/DownloadId-19D6C40F15E0916B5B41CD59F8B35434/FAAD666C-4467-423D-91BB-94EC7E6DE126/turismo/turismonet1/economia%20de%20turismo/economia%20del%20turismo/conta%20turismo%20o%20peso%20na%20economia%20dos%20paises.pdf>> Acesso em: 13 mai. 2014.

RABAHY, W. Os efeitos assimétricos da taxa de câmbio real sobre a conta de viagens internacionais do balanço de pagamentos brasileiro. **Boletim de informações fipe**, São Paulo, n.326 p.15-18, nov 2007. Disponível em: < [http://www.fipe.org.br/publicacoes/downloads/bif/2007/11\\_15-18-rab.pdf](http://www.fipe.org.br/publicacoes/downloads/bif/2007/11_15-18-rab.pdf)> Acesso em: 22 mai. 2014.

RABAHY, W. Relações determinantes sobre as despesas e as receitas da conta de viagens internacionais do balanço de pagamentos brasileiro. **Turismo em Análise**, São Paulo, v.19, n.2, p.293-306, agosto, 2008. Disponível em: < [www.revistas.usp.br/rta/article/download/14155/15973](http://www.revistas.usp.br/rta/article/download/14155/15973)> Acesso em: 26 mar. 2014.

SANTOS, G. E. O. Modelos estatísticos no estudo do turismo: revisão dos principais métodos aplicados. **Caderno Virtual de Turismo**, São Paulo, v.6, n.4, p.79-93, 2006. Disponível em: <[www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php?journal=caderno&page=article&op=download&path%5B%5D=154&path%5B%5D=140](http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php?journal=caderno&page=article&op=download&path%5B%5D=154&path%5B%5D=140)> Acesso em: 01 abr. 2014.

SERSON, J. Ação estratégica no turismo – o caso de São Paulo. In: LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. **Turismo: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000. p. 232-239.

SILBER, D. S. Cenário mundial e perspectivas da economia brasileira. In: LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. **Turismo: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000. p. 341-352.

SILVA, A.M.; DE NEGRI, J.A.; KUBOTA, L.C. **Estrutura e dinâmica do setor de serviços no Brasil**. Capítulo 1, p-15-34. IPEA, 2006. Disponível em: <[http://www.en.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/capitulo\\_1\\_estrutura.pdf](http://www.en.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/capitulo_1_estrutura.pdf)> Acesso em 08 abr. 2014.

SOARES, L.A. Turismo e globalização: algumas perspectivas. **Revista Gerenciais**, São Paulo, v.6, n.1, p.63-70, 2007. Disponível em: <<http://www.revistaiberoamericana.org/ojs/index.php/ibero/article/viewFile/1224/1300>> Acesso em: 09 abr. 2014.

TEIXEIRA, P.R.; MICHELIN, R.L.; DALL'AGNOL, S. Turismo e globalização: análise da relação com a identidade cultural. In: V SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO. **Anais**. Belo Horizonte, 2008.

TULIK, O. Efeitos da globalização do turismo. **Turismo em Análise**, São Paulo, v.5, n.2, p.7-15, 1994. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63147/65937>> Acesso em: 09 abr. 2014.

VARISCO, C. Consideraciones metodológicas para el estudio de las variables económicas que inciden en la demanda turística. **Turismo em Análise**, São Paulo, v.14, n.2, p.53-66, nov 2003. Disponível em: <<http://www.turismoemanalise.org.br/turismoemanalise/article/view/485/271>> Acesso em: 05 mar. 2014.

WAHAB, S-E.A. Introdução à Administração do Turismo. 1991 In: ARENDIT, E.J. **Introdução à Economia do Turismo**. 2.ed. Campinas: Alínea, 2000.

WORLD TOURISM ORGANIZATION. **Turismo na ibero-américa: panorama actual** edição de 2010. Disponível em: <[http://www.unwto.org/facts/eng/pdf/publications/UNWTO\\_Turismo\\_en\\_iberoamerica\\_10\\_pt.pdf](http://www.unwto.org/facts/eng/pdf/publications/UNWTO_Turismo_en_iberoamerica_10_pt.pdf)> Acesso em: 08 abr. 2014.

WORLD TOURISM ORGANIZATION. **A review of statistics on trade flows in services – overview of trade flows in commercial services 2000-2010**. jan 2011. Disponível em: <[https://docs.wto.org/dol2fe/Pages/FE\\_Browse/FE\\_B\\_09.aspx?TopLevel=8660#](https://docs.wto.org/dol2fe/Pages/FE_Browse/FE_B_09.aspx?TopLevel=8660#/)> Acesso em: 08 abr. 2014.

## ANEXO A – BALANÇO DE PAGAMENTOS

### Balanço de Pagamentos Brasileiro – dados em US\$ milhões

Discriminação	2003											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
<b>TRANSAÇÕES CORRENTES</b>	173	-194	183	-939	887	487	755	1.225	1.336	64	-142	343
Balança comercial (FOB)	1.155	1.113	1.536	1.722	2.518	2.354	2.055	2.673	2.664	2.536	1.717	2.751
Serviços e Rendas	-1.227	-1.503	-1.527	-2.866	-1.843	-2.061	-1.718	-1.684	-1.554	-2.710	-2.099	-2.691
Transferências unilaterais correntes	245	196	174	205	212	194	417	236	225	238	239	283
<b>CONTA CAPITAL E FINANCEIRA</b>	518	-0	3.639	-47	488	4.528	-732	-765	2.415	1.472	-115	-6.290
Conta Capital	30	33	30	37	40	39	43	45	43	51	49	58
Conta Financeira	488	-33	3.609	-84	449	4.489	-774	-810	2.372	1.421	-164	-6.348
<b>ERROS E OMISSÕES</b>	22	-259	-97	-170	-213	-37	89	-28	-109	137	43	-171
<b>RESULTADO DO BALANÇO</b>	713	-453	3.725	-1.157	1.162	4.978	112	432	3.641	1.673	-214	-6.118
<b>HAVERES DA AUTORIDADE MONETÁRIA (=aumento)</b>	-713	453	-3.725	1.157	-1.162	-4.978	-112	-432	-3.641	-1.673	214	6.118

Discriminação	2004											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
<b>TRANSAÇÕES CORRENTES</b>	685	199	754	-757	1.480	2.018	1.799	1.747	1.746	1.031	-226	1.202
Balança comercial (FOB)	1.583	1.960	2.582	1.954	3.110	3.798	3.463	3.433	3.170	3.003	2.076	3.508
Serviços e Rendas	-1.137	-1.990	-2.099	-2.968	-1.929	-2.070	-1.941	-1.958	-1.646	-2.253	-2.588	-2.620
Transferências unilaterais correntes	239	228	271	256	299	290	276	273	223	281	285	314
<b>CONTA CAPITAL E FINANCEIRA</b>	3.632	-307	-1.979	995	-1.465	-2.774	-1.416	-2.096	-1.714	-1.728	23	1.306
Conta Capital	41	59	100	80	70	66	7	-257	45	47	53	61
Conta Financeira	3.591	-366	-2.078	915	-1.535	-2.840	-1.423	-1.839	-1.759	-1.775	-30	1.245
<b>ERROS E OMISSÕES</b>	-115	-198	-45	-405	-291	-81	-220	-169	-432	-60	262	-157
<b>RESULTADO DO BALANÇO</b>	4.202	-306	-1.270	-167	-276	-837	162	-519	-400	-757	59	2.352
<b>HAVERES DA AUTORIDADE MONETÁRIA (=aumento)</b>	-4.202	306	1.270	167	276	837	-162	519	400	757	-59	-2.352

Discriminação	2005											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
<b>TRANSAÇÕES CORRENTES</b>	797	131	1.729	715	593	1.284	2.540	771	2.359	845	1.691	530
Balança comercial (FOB)	2.181	2.777	3.342	3.870	3.446	4.033	5.004	3.651	4.319	3.675	4.074	4.330
Serviços e Rendas	-1.652	-2.895	-1.935	-3.412	-3.149	-3.041	-2.765	-3.197	-2.258	-3.137	-2.700	-4.136
Transferências unilaterais correntes	267	249	323	258	296	291	301	317	298	306	317	335
<b>CONTA CAPITAL E FINANCEIRA</b>	1.352	4.429	1.911	-1.324	-462	-1.540	-7.431	-1.046	237	2.952	2.957	-11.501
Conta Capital	55	45	79	39	151	29	55	71	63	48	57	-29
Conta Financeira	1.297	4.384	1.833	-1.363	-613	-1.570	-7.486	-1.117	174	2.905	2.900	-11.472
<b>ERROS E OMISSÕES</b>	-124	233	-64	100	46	-175	-118	227	-49	-284	-289	296
<b>RESULTADO DO BALANÇO</b>	2.025	4.792	3.576	-509	178	-431	-5.009	-48	2.548	3.513	4.358	-10.675
<b>HAVERES DA AUTORIDADE MONETÁRIA (=aumento)</b>	-2.025	-4.792	-3.576	509	-178	431	5.009	48	-2.548	-3.513	-4.358	10.675

Discriminação	2006											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
<b>TRANSAÇÕES CORRENTES</b>	-314	627	1.311	133	383	632	3.068	2.184	2.249	1.536	1.393	438
Balança comercial (FOB)	2.835	2.803	3.690	3.089	3.017	4.098	5.659	4.555	4.468	3.951	3.239	5.052
Serviços e Rendas	-3.457	-2.431	-2.758	-3.290	-3.035	-3.825	-2.927	-2.727	-2.702	-2.776	-2.223	-4.970
Transferências unilaterais correntes	308	255	379	334	401	359	336	356	483	361	377	357
<b>CONTA CAPITAL E FINANCEIRA</b>	3.035	172	951	-3.849	6.385	-880	903	2.297	-169	2.979	2.607	1.867
Conta Capital	75	48	70	61	102	73	58	71	66	126	89	30
Conta Financeira	2.960	124	881	-3.910	6.282	-953	845	2.227	-235	2.853	2.518	1.837
<b>ERROS E OMISSÕES</b>	-31	-31	63	-64	1	-366	-54	-49	-124	168	269	845
<b>RESULTADO DO BALANÇO</b>	2.691	769	2.325	-3.780	6.769	-614	3.917	4.433	1.957	4.683	4.269	3.150
<b>HAVERES DA AUTORIDADE MONETÁRIA (=aumento)</b>	-2.691	-769	-2.325	3.780	-6.769	614	-3.917	-4.433	-1.957	-4.683	-4.269	-3.150

Discriminação	2007											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
<b>TRANSAÇÕES CORRENTES</b>	-370	378	233	1.799	-160	542	-746	1.323	548	-148	-1.350	-498
Balança comercial (FOB)	2.523	2.901	3.304	4.181	3.853	3.822	3.344	3.541	3.475	3.429	2.021	3.638
Serviços e Rendas	-3.212	-2.813	-3.423	-2.707	-4.379	-3.573	-4.484	-2.583	-3.182	-3.876	-3.681	-4.596
Transferências unilaterais correntes	319	290	352	325	365	292	394	366	256	299	311	460
<b>CONTA CAPITAL E FINANCEIRA</b>	6.156	9.628	8.957	9.642	15.838	10.458	9.611	3.490	-1.164	4.477	8.174	3.819
Conta Capital	70	70	66	94	97	-55	65	101	56	53	83	57
Conta Financeira	6.086	9.558	8.891	9.548	15.741	10.513	9.546	3.389	-1.220	4.424	8.091	3.762
<b>ERROS E OMISSÕES</b>	-209	-742	-661	520	-143	-255	-1.213	-939	1.223	-77	-429	-228
<b>RESULTADO DO BALANÇO</b>	5.577	9.264	8.529	11.961	15.535	10.746	7.652	3.874	607	4.252	6.395	3.093
<b>HAVERES DA AUTORIDADE MONETÁRIA (=aumento)</b>	-5.577	-9.264	-8.529	-11.961	-15.535	-10.746	-7.652	-3.874	-607	-4.252	-6.395	-3.093

Discriminação	2008											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
TRANSAÇÕES CORRENTES	-4.028	-1.889	-4.343	-3.044	-786	-2.781	-2.168	-1.084	-2.761	-1.239	-951	-3.119
Balança comercial (FOB)	923	849	988	1.738	4.075	2.729	3.330	2.294	2.732	1.262	1.615	2.300
Serviços e Rendas	-5.274	-3.052	-5.682	-5.097	-5.126	-5.829	-5.868	-3.669	-5.816	-3.002	-2.983	-5.853
Transferências unilaterais correntes	322	314	351	315	265	319	371	291	323	501	417	434
CONTA CAPITAL E FINANCEIRA	9.082	5.614	7.661	8.291	4.067	5.499	5.675	2.936	5.274	-9.066	-8.980	-6.701
Conta Capital	26	78	66	25	88	106	115	93	102	208	68	81
Conta Financeira	9.056	5.536	7.595	8.266	3.979	5.393	5.560	2.843	5.172	-9.274	-9.048	-6.782
ERROS E OMISSÕES	-1.823	-79	-1.977	-874	749	-100	-1.145	34	-2.040	1.696	3.117	4.252
RESULTADO DO BALANÇO	3.231	3.645	1.341	4.373	4.030	2.618	2.362	1.886	473	-8.609	-6.814	-5.567
HAVERES DA AUTORIDADE MONETÁRIA (=aumento)	-3.231	-3.645	-1.341	-4.373	-4.030	-2.618	-2.362	-1.886	-473	8.609	6.814	5.567

Discriminação	2009											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
TRANSAÇÕES CORRENTES	-2.766	-613	-1.559	105	-1.770	-575	-1.623	-809	-2.452	-3.018	-3.273	-5.950
Balança comercial (FOB)	-530	1.761	1.757	3.692	2.624	4.604	2.911	3.054	1.309	1.320	613	2.174
Serviços e Rendas	-2.550	-2.650	-3.588	-3.870	-4.628	-5.464	-4.859	-4.114	-4.109	-4.562	-4.127	-8.409
Transferências unilaterais correntes	314	276	272	283	235	285	324	251	348	224	240	285
CONTA CAPITAL E FINANCEIRA	273	280	3.005	2.862	3.879	8.392	5.922	8.451	6.222	12.478	6.124	13.412
Conta Capital	108	106	124	25	132	85	82	51	72	102	123	117
Conta Financeira	165	173	2.880	2.837	3.746	8.308	5.840	8.401	6.150	12.376	6.001	13.294
ERROS E OMISSÕES	257	447	-505	-1.162	1.637	-770	373	501	1.112	-277	1.028	-2.988
RESULTADO DO BALANÇO	-2.235	113	940	1.805	3.745	7.048	4.672	8.143	4.882	9.184	3.878	4.474
HAVERES DA AUTORIDADE MONETÁRIA (=aumento)	2.235	-113	-940	-1.805	-3.745	-7.048	-4.672	-8.143	-4.882	-9.184	-3.878	-4.474

Discriminação	2010											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
TRANSAÇÕES CORRENTES	-3.830	-3.082	-5.005	-4.618	-2.007	-5.278	-4.589	-2.985	-3.959	-3.697	-4.728	-3.495
Balança comercial (FOB)	-181	389	672	1.282	3.450	2.267	1.344	2.390	1.071	1.826	291	5.344
Serviços e Rendas	-3.930	-3.694	-5.942	-6.205	-5.824	-7.667	-6.131	-5.621	-5.258	-5.618	-5.271	-9.159
Transferências unilaterais correntes	280	224	265	305	366	123	199	245	228	95	251	320
CONTA CAPITAL E FINANCEIRA	6.085	4.758	8.583	8.201	6.497	8.864	6.002	7.902	15.702	13.057	7.952	6.309
Conta Capital	61	74	104	49	119	87	145	91	76	92	120	100
Conta Financeira	6.024	4.684	8.479	8.152	6.378	8.778	5.857	7.810	15.626	12.964	7.832	6.209
ERROS E OMISSÕES	-99	-936	-315	-89	80	-1.143	432	-537	-137	-550	-229	-15
RESULTADO DO BALANÇO	2.155	741	3.263	3.493	4.569	2.444	1.845	4.380	11.606	8.809	2.995	2.800
HAVERES DA AUTORIDADE MONETÁRIA (=aumento)	-2.155	-741	-3.263	-3.493	-4.569	-2.444	-1.845	-4.380	-11.606	-8.809	-2.995	-2.800

Discriminação	2011											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
TRANSAÇÕES CORRENTES	-5.573	-3.470	-5.738	-3.600	-4.182	-3.478	-3.559	-4.841	-2.232	-3.154	-6.635	-6.011
Balança comercial (FOB)	397	1.193	1.552	1.860	3.522	4.429	3.138	3.896	3.074	2.362	572	3.798
Serviços e Rendas	-6.158	-5.150	-7.507	-5.685	-8.044	-8.027	-6.925	-8.981	-5.546	-5.795	-7.420	-10.012
Transferências unilaterais correntes	188	488	216	225	339	120	228	244	240	279	213	203
CONTA CAPITAL E FINANCEIRA	14.575	12.263	16.813	9.878	9.034	6.787	11.058	11.122	3.423	2.600	8.165	6.665
Conta Capital	14	120	141	141	167	83	104	160	181	153	145	164
Conta Financeira	14.561	12.142	16.671	9.737	8.867	6.704	10.954	10.961	3.243	2.447	8.019	6.501
ERROS E OMISSÕES	-506	829	-1.544	533	352	-62	-114	-795	-383	926	-380	-129
RESULTADO DO BALANÇO	8.497	9.622	9.530	6.811	5.204	3.247	7.385	5.486	808	372	1.150	525
HAVERES DA AUTORIDADE MONETÁRIA (=aumento)	-8.497	-9.622	-9.530	-6.811	-5.204	-3.247	-7.385	-5.486	-808	-372	-1.150	-525

Discriminação	2012											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
TRANSAÇÕES CORRENTES	-7.052	-1.733	-3.280	-5.368	-3.424	-4.394	-3.749	-2.553	-2.597	-5.431	-6.263	-8.406
Balança comercial (FOB)	-1.308	1.703	2.023	879	2.960	800	2.863	3.221	2.553	1.650	-194	2.243
Serviços e Rendas	-5.939	-3.619	-5.616	-6.412	-6.665	-5.503	-6.875	-6.054	-5.280	-7.399	-6.235	-10.893
Transferências unilaterais correntes	196	183	313	165	281	309	263	280	130	317	166	244
CONTA CAPITAL E FINANCEIRA	7.158	2.247	14.019	12.977	4.934	4.802	4.817	2.552	2.640	4.334	7.151	2.380
Conta Capital	110	82	183	163	206	182	-3.475	143	114	144	135	135
Conta Financeira	7.048	2.165	13.835	12.813	4.729	4.620	8.292	2.408	2.526	4.190	7.016	2.244
ERROS E OMISSÕES	257	895	-146	101	-434	218	-459	494	40	1.565	-519	1.126
RESULTADO DO BALANÇO	363	1.408	10.593	7.710	1.077	627	609	493	84	468	369	-4.901
HAVERES DA AUTORIDADE MONETÁRIA (=aumento)	-363	-1.408	-10.593	-7.710	-1.077	-627	-609	-493	-84	-468	-369	4.901

Discriminação	2013											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
<b>TRANSAÇÕES CORRENTES</b>	-11.350	-6.576	-6.838	-8.255	-6.378	-3.907	-8.987	-5.492	-2.634	-7.133	-5.146	-8.677
Balança comercial (FOB)	-4.040	-1.279	163	-989	762	2.308	-1.899	1.223	2.140	-225	1.739	2.654
Serviços e Rendas	-7.500	-5.799	-7.205	-7.476	-7.301	-6.489	-7.362	-6.956	-4.935	-7.544	-6.996	-11.731
Transferências unilaterais correntes	190	502	204	210	161	274	275	240	161	636	111	400
<b>CONTA CAPITAL E FINANCEIRA</b>	13.191	8.023	9.971	9.454	6.860	3.449	8.208	2.547	988	1.030	5.747	5.899
Conta Capital	119	52	106	133	99	146	94	118	62	86	86	93
Conta Financeira	13.073	7.971	9.864	9.322	6.761	3.303	8.114	2.428	927	944	5.660	5.806
<b>ERROS E OMISSÕES</b>	-466	417	182	-759	122	-864	1.250	-265	422	1.618	-1.609	32
<b>RESULTADO DO BALANÇO</b>	1.376	1.865	3.314	441	604	-1.322	471	-3.210	-1.224	-4.485	-1.009	-2.746
<b>HAVERES DA AUTORIDADE MONETÁRIA (-aumento)</b>	-1.376	-1.865	-3.314	-441	-604	1.322	-471	3.210	1.224	4.485	1.009	2.746

Fonte: Banco Central do Brasil.

## ANEXO B – CONTA DE TURISMO – BALANÇO DE PAGAMENTOS

### Balanço de Pagamentos Brasileiro – dados em US\$ milhões

Discriminação	2003											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
<b>TRANSAÇÕES CORRENTES</b>	173	-194	183	-939	887	487	755	1225	1336	64	-142	343
Balança comercial (FOB)	1155	1113	1536	1722	2518	2354	2055	2673	2664	2536	1717	2751
Serviços e Rendas	-1227	-1503	-1527	-2866	-1843	-2061	-1718	-1684	-1554	-2710	-2099	-2691
Viagens Internacionais	55	46	16	9	-12	-49	-14	36	13	-11	57	72
Receita - Turismo	94	91	78	83	81	74	100	113	100	103	122	143
Despesa - Turismo	-46	-35	-47	-71	-73	-89	-79	-53	-63	-68	-46	-71

Discriminação	2004											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
<b>TRANSAÇÕES CORRENTES</b>	685	199	754	-757	1480	2018	1799	1747	1746	1031	-226	1202
Balança comercial (FOB)	1583	1960	2582	1954	3110	3798	3463	3433	3170	3003	2076	3508
Serviços e Rendas	-1137	-1990	-2099	-2968	-1929	-2070	-1941	-1958	-1646	-2253	-2588	-2620
Viagens Internacionais	100	95	97	10	75	-7	-25	9	-8	-20	2	21
Receita - Turismo	139	142	145	119	155	121	110	125	106	115	132	141
Despesa - Turismo	-60	-42	-59	-59	-49	-73	-93	-87	-98	-88	-109	-143

Discriminação	2005											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
<b>TRANSAÇÕES CORRENTES</b>	797	131	1729	715	593	1284	2540	771	2359	845	1691	530
Balança comercial (FOB)	2181	2777	3342	3870	3446	4033	5004	3651	4319	3675	4074	4330
Serviços e Rendas	-1652	-2895	-1935	-3412	-3149	-3041	-2765	-3197	-2258	-3137	-2700	-4136
Viagens Internacionais	44	16	81	-34	-133	-194	-188	-103	-115	-104	-91	-37
Receita - Turismo	142	128	157	122	121	117	124	154	130	138	157	178
Despesa - Turismo	-110	-109	-86	-129	-193	-231	-219	-202	-181	-137	-159	-177

Discriminação	2006											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
<b>TRANSAÇÕES CORRENTES</b>	-314	627	1311	133	383	632	3068	2184	2249	1536	1393	438
Balança comercial (FOB)	2835	2803	3690	3089	3017	4096	5659	4555	4468	3951	3239	5052
Serviços e Rendas	-3457	-2431	-2758	-3290	-3035	-3825	-2927	-2727	-2702	-2776	-2223	-4970
Viagens Internacionais	5	-76	39	-88	-154	-196	-212	-168	-159	-213	-114	-113
Receita - Turismo	191	152	217	157	176	148	154	174	150	161	174	193
Despesa - Turismo	-145	-163	-141	-149	-193	-182	-229	-224	-175	-218	-155	-216

Discriminação	2007											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
<b>TRANSAÇÕES CORRENTES</b>	-370	378	233	1799	-160	542	-746	1323	548	-148	-1350	-498
Balança comercial (FOB)	2523	2901	3304	4181	3853	3822	3344	3541	3475	3429	2021	3638
Serviços e Rendas	-3212	-2813	-3423	-2707	-4379	-3573	-4484	-2583	-3182	-3876	-3681	-4596
Viagens Internacionais	-90	-84	-87	-171	-274	-353	-415	-251	-370	-479	-369	-313
Receita - Turismo	221	196	203	179	186	169	192	213	163	203	211	215
Despesa - Turismo	-201	-166	-178	-185	-220	-252	-313	-249	-273	-369	-279	-325

Discriminação	2008											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
<b>TRANSAÇÕES CORRENTES</b>	-4028	-1889	-4343	-3044	-786	-2781	-2168	-1084	-2761	-1239	-951	-3119
Balança comercial (FOB)	923	849	988	1738	4075	2729	3330	2294	2732	1262	1615	2300
Serviços e Rendas	-5274	-3052	-5682	-5097	-5126	-5829	-5868	-3669	-5816	-3002	-2983	-5853
Viagens Internacionais	-380	-317	-233	-500	-585	-621	-838	-524	-658	-294	-127	-101
Receita - Turismo	277	234	236	213	200	193	229	230	235	280	237	291
Despesa - Turismo	-346	-283	-253	-353	-372	-424	-510	-398	-373	-207	-154	-229

Discriminação	2009											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
<b>TRANSAÇÕES CORRENTES</b>	-2766	-613	-1559	105	-1770	-575	-1623	-809	-2452	-3018	-3273	-5950
Balança comercial (FOB)	-530	1761	1757	3692	2624	4604	2911	3054	1309	1320	613	2174
Serviços e Rendas	-2550	-2650	-3588	-3870	-4628	-5464	-4859	-4114	-4109	-4562	-4127	-8409
Viagens Internacionais	-250	-120	-124	-382	-426	-584	-600	-460	-652	-785	-514	-696
Receita - Turismo	245	222	247	193	170	173	173	129	99	115	115	135
Despesa - Turismo	-205	-155	-199	-261	-295	-371	-398	-355	-395	-404	-334	-496

Discriminação	2010											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
<b>TRANSAÇÕES CORRENTES</b>	-3830	-3082	-5005	-4618	-2007	-5278	-4589	-2985	-3959	-3697	-4726	-3495
Balança comercial (FOB)	-181	389	672	1282	3450	2267	1344	2390	1071	1826	291	5344
Serviços e Rendas	-3930	-3694	-5942	-6205	-5824	-7667	-6131	-5621	-5258	-5618	-5271	-9159
Viagens Internacionais	-674	-505	-560	-783	-763	-929	-1117	-831	-1147	-1292	-975	-1142
Receita - Turismo	113	105	114	94	89	77	92	101	90	96	109	126
Despesa - Turismo	-330	-257	-394	-396	-396	-440	-514	-467	-536	-617	-439	-635

Discriminação	2011											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
<b>TRANSAÇÕES CORRENTES</b>	-5573	-3470	-5738	-3600	-4182	-3478	-3559	-4841	-2232	-3154	-8635	-6011
Balança comercial (FOB)	397	1193	1552	1860	3522	4429	3138	3896	3074	2362	572	3798
Serviços e Rendas	-6158	-5150	-7507	-5685	-8044	-8027	-8925	-8981	-5546	-5795	-7420	-10012
Viagens Internacionais	-1193	-775	-1035	-1431	-1140	-1395	-1759	-1327	-1290	-1215	-1008	-1141
Receita - Turismo	119	122	126	101	112	98	101	124	122	124	135	141
Despesa - Turismo	-534	-431	-498	-699	-677	-774	-844	-755	-583	-618	-504	-702

Discriminação	2012											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
<b>TRANSAÇÕES CORRENTES</b>	-7052	-1733	-3280	-5368	-3424	-4394	-3749	-2553	-2597	-5431	-6263	-8406
Balança comercial (FOB)	-1308	1703	2023	879	2960	800	2863	3221	2553	1650	-194	2243
Serviços e Rendas	-5939	-3619	-5616	-6412	-6665	-5503	-6875	-6054	-5280	-7399	-6235	-10893
Viagens Internacionais	-1335	-1129	-997	-1251	-1298	-1221	-1464	-1381	-1262	-1536	-1287	-1426
Receita - Turismo	138	127	139	122	128	114	111	119	93	117	116	123
Despesa - Turismo	-731	-693	-632	-665	-700	-667	-856	-846	-756	-856	-684	-944

Discriminação	2013											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
<b>TRANSAÇÕES CORRENTES</b>	-11350	-6576	-8838	-8255	-6378	-3907	-8987	-5492	-2634	-7133	-5146	-8677
Balança comercial (FOB)	-4040	-1279	163	-989	762	2308	-1899	1223	2140	-225	1739	2654
Serviços e Rendas	-7500	-5799	-7205	-7476	-7301	-6489	-7362	-6956	-4935	-7544	-6996	-11731
Viagens Internacionais	-1603	-1238	-1283	-1530	-1719	-1475	-1674	-1710	-1663	-1780	-1318	-1638
Receita - Turismo	144	124	120	118	113	113	130	131	105	122	138	139
Despesa - Turismo	-1001	-799	-831	-971	-1001	-844	-998	-1229	-1118	-1222	-818	-1182

Fonte: Banco Central do Brasil.



## ANEXO C – TAXA DE CÂMBIO NOMINAL

### Taxa de câmbio nominal – R\$/US\$

ANO	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
<b>JAN</b>	3,438	2,851	2,693	2,274	2,138	1,774	2,307	1,779	1,675	1,789	2,031
<b>FEV</b>	3,590	2,930	2,597	2,162	2,096	1,727	2,312	1,841	1,668	1,718	1,973
<b>MAR</b>	3,447	2,905	2,704	2,152	2,088	1,707	2,313	1,785	1,658	1,795	1,983
<b>ABR</b>	3,118	2,906	2,579	2,129	2,032	1,689	2,205	1,756	1,586	1,855	2,002
<b>MAI</b>	2,955	3,100	2,452	2,178	1,981	1,660	2,061	1,813	1,613	1,986	2,035
<b>JUN</b>	2,883	3,129	2,413	2,248	1,932	1,618	1,957	1,806	1,587	2,049	2,173
<b>JUL</b>	2,879	3,036	2,373	2,189	1,882	1,592	1,932	1,769	1,564	2,028	2,252
<b>AGO</b>	3,002	3,003	2,360	2,156	1,966	1,610	1,845	1,759	1,597	2,029	2,342
<b>SET</b>	2,922	2,891	2,294	2,168	1,899	1,799	1,819	1,718	1,749	2,028	2,270
<b>OUT</b>	2,861	2,853	2,256	2,148	1,801	2,172	1,738	1,683	1,772	2,030	2,188
<b>NOV</b>	2,913	2,786	2,210	2,158	1,770	2,266	1,726	1,713	1,790	2,067	2,295
<b>DEZ</b>	2,924	2,718	2,285	2,150	1,786	2,394	1,750	1,693	1,837	2,078	2,345

Fonte: Banco Central do Brasil.

## ANEXO D – TAXA DE DESEMPREGO

Média anual da taxa de desocupação na semana de referência, das pessoas de 10 anos ou mais de idade (tabela 2176 do IBGE)

ANO	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
JAN	11,2	11,7	10,2	9,2	9,3	8,0	8,2	7,2	9,3	5,5	5,4
FEV	11,6	12,0	10,6	10,1	9,9	8,7	8,5	7,4	8,6	5,7	5,6
MAR	12,1	12,8	10,8	10,4	10,1	8,6	9,0	7,6	6,5	6,2	5,7
ABR	12,4	13,1	10,8	10,4	10,1	8,5	8,9	7,3	6,4	6,0	5,8
MAI	12,8	9,9	10,2	10,2	10,1	7,9	8,8	7,5	6,4	5,8	5,8
JUN	13,0	11,7	9,4	10,4	9,7	7,8	8,1	7,0	6,2	5,9	6,0
JUL	12,8	11,2	9,4	10,7	9,5	8,1	8,0	6,9	6,0	5,4	5,6
AGO	13,0	11,4	9,4	10,6	9,5	7,6	8,1	6,7	6,0	5,3	5,3
SET	12,9	10,9	9,6	10,0	9,0	7,6	7,7	6,2	6,0	5,4	5,4
OUT	12,9	10,5	9,6	9,8	8,7	7,5	7,5	6,1	5,8	5,3	5,2
NOV	12,2	10,6	9,6	9,5	8,2	7,6	7,4	5,7	5,2	4,9	4,6
DEZ	10,9	9,6	8,3	8,4	7,4	6,8	6,8	5,3	4,7	4,6	4,3
<b>ANUAL</b>	12,3	11,4	9,8	9,9	9,3	7,8	8,1	6,7	6,0	5,5	5,4

Fonte: IBGE.

## ANEXO E – TAXA DE INFLAÇÃO

### Índice Geral de Preços – Mercado (IGP-M)

ANO	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
<b>JAN</b>	2,33%	0,88%	0,39%	0,92%	0,50%	1,09%	-0,44%	0,63%	0,79%	0,25%	0,34%
<b>FEV</b>	2,28%	0,69%	0,30%	0,01%	0,27%	0,53%	0,26%	1,18%	1,00%	-0,06%	0,29%
<b>MAR</b>	1,53%	1,13%	0,85%	-0,23%	0,34%	0,74%	-0,74%	0,94%	0,62%	0,43%	0,21%
<b>ABR</b>	0,92%	1,21%	0,86%	-0,42%	0,04%	0,69%	-0,15%	0,77%	0,45%	0,85%	0,15%
<b>MAI</b>	-0,26%	1,31%	-0,22%	0,38%	0,04%	1,61%	-0,07%	1,19%	0,43%	1,02%	0,00%
<b>JUN</b>	-1,00%	1,38%	-0,44%	0,75%	0,26%	1,98%	-0,10%	0,85%	-0,18%	0,66%	0,75%
<b>JUL</b>	-0,42%	1,31%	-0,34%	0,18%	0,28%	1,76%	-0,43%	0,15%	-0,12%	1,34%	0,26%
<b>AGO</b>	0,38%	1,22%	-0,65%	0,37%	0,98%	-0,32%	-0,36%	0,77%	0,44%	1,43%	0,15%
<b>SET</b>	1,18%	0,69%	-0,53%	0,29%	1,29%	0,11%	0,42%	1,15%	0,65%	0,97%	1,50%
<b>OUT</b>	0,38%	0,39%	0,60%	0,47%	1,05%	0,98%	0,05%	1,01%	0,53%	0,02%	0,86%
<b>NOV</b>	0,49%	0,82%	0,40%	0,75%	0,69%	0,38%	0,10%	1,45%	0,50%	-0,03%	0,29%
<b>DEZ</b>	0,61%	0,74%	-0,01%	0,32%	1,76%	-0,13%	-0,26%	0,69%	-0,12%	0,68%	0,60%

Fonte: IBGE.

## ANEXO F – RENDIMENTO MÉDIO

Rendimento médio nominal do trabalho principal, habitualmente recebido por mês,  
pelas pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas no trabalho principal da  
semana de referência (tabela 2189 do IBGE).

ANO	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
<b>JAN</b>	858,40	874,90	936,80	997,40	1.079,50	1.170,00	1.318,70	1.373,50	1.538,30	1.672,20	1.820,00
<b>FEV</b>	864,50	880,70	948,50	1.015,60	1.104,10	1.187,60	1.321,30	1.398,90	1.540,30	1.699,70	1.849,50
<b>MAR</b>	862,30	895,70	953,60	1.018,50	1.107,10	1.186,40	1.321,40	1.413,40	1.557,00	1.728,40	1.855,40
<b>ABR</b>	870,10	891,00	949,80	1.022,30	1.111,60	1.205,40	1.318,40	1.424,10	1.540,00	1.719,50	1.862,40
<b>MAI</b>	861,40	883,30	944,40	1.038,70	1.118,10	1.205,70	1.311,70	1.417,30	1.566,70	1.725,60	1.863,60
<b>JUN</b>	864,80	898,50	958,60	1.045,50	1.116,80	1.214,00	1.312,30	1.423,00	1.578,50	1.737,50	1.869,20
<b>JUL</b>	855,70	914,50	980,80	1.036,50	1.106,00	1.222,00	1.323,30	1.452,50	1.612,90	1.717,80	1.848,40
<b>AGO</b>	867,80	904,40	987,10	1.046,10	1.107,20	1.251,00	1.336,80	1.472,10	1.629,40	1.758,10	1.883,00
<b>SET</b>	855,30	923,50	986,00	1.038,20	1.112,70	1.264,80	1.346,70	1.499,00	1.607,60	1.771,20	1.908,00
<b>OUT</b>	855,00	911,30	980,50	1.060,50	1.121,30	1.255,80	1.349,70	1.515,40	1.612,70	1.787,70	1.917,30
<b>NOV</b>	856,50	922,30	992,50	1.065,90	1.141,40	1.271,10	1.353,60	1.516,70	1.623,40	1.809,60	1.965,20
<b>DEZ</b>	861,60	908,00	1.010,80	1.085,70	1.161,60	1.282,40	1.344,40	1.515,10	1.650,00	1.805,00	1.966,90

Fonte: IBGE.

## ANEXO G – TAXA DE JUROS

### Taxa de Juros (Taxa SELIC)

Data	Tx (%)	Data	Tx (%)	Data	Tx (%)	Data	Tx (%)	Data	Tx (%)	Data	Tx (%)
17/12/2003	16,50	15/12/2004	17,75	14/12/2005	18,00	29/11/2006	13,25	05/12/2007	11,25	10/12/2008	13,75
19/11/2003	17,50	17/11/2004	17,25	23/11/2005	18,50	18/10/2006	13,75	17/10/2007	11,25	29/10/2008	13,75
22/10/2003	19,00	20/10/2004	16,75	19/10/2005	19,00	30/08/2006	14,25	05/09/2007	11,25	10/09/2008	13,75
17/09/2003	20,00	15/09/2004	16,25	14/09/2005	19,50	19/07/2006	14,75	18/07/2007	11,50	23/07/2008	13,00
20/08/2003	22,00	18/08/2004	16,00	17/08/2005	19,75	31/05/2006	15,25	06/06/2007	12,00	04/06/2008	12,25
23/07/2003	24,50	21/07/2004	16,00	20/07/2005	19,75	19/04/2006	15,75	18/04/2007	12,50	16/04/2008	11,75
18/06/2003	26,00	16/06/2004	16,00	15/06/2005	19,75	08/03/2006	16,50	07/03/2007	12,75	05/03/2008	11,25
21/05/2003	26,50	19/05/2004	16,00	18/05/2005	19,75	18/01/2006	17,25	24/01/2007	13,00	23/01/2008	11,25
23/04/2003	26,50	14/04/2004	16,00	20/04/2005	19,50						
19/03/2003	26,50	17/03/2004	16,25	16/03/2005	19,25						
19/02/2003	26,50	18/02/2004	16,50	16/02/2005	18,75						
22/01/2003	25,50	21/01/2004	16,50	19/01/2005	18,25						

Data	Tx (%)	Data	Tx (%)	Data	Tx (%)	Data	Tx (%)	Data	Tx (%)
09/12/2009	8,75	08/12/2010	10,75	30/11/2011	11,00	28/11/2012	7,25	27/11/2013	10,00
21/10/2009	8,75	20/10/2010	10,75	19/10/2011	11,50	10/10/2012	7,25	09/10/2013	9,50
02/09/2009	8,75	01/09/2010	10,75	31/08/2011	12,00	29/08/2012	7,50	28/08/2013	9,00
22/07/2009	8,75	21/07/2010	10,75	20/07/2011	12,50	11/07/2012	8,00	10/07/2013	8,50
10/06/2009	9,25	09/06/2010	10,25	08/06/2011	12,25	30/05/2012	8,50	29/05/2013	8,00
29/04/2009	10,25	28/04/2010	9,50	20/04/2011	12,00	18/04/2012	9,00	17/04/2013	7,50
11/03/2009	11,25	17/03/2010	8,75	02/03/2011	11,75	07/03/2012	9,75	06/03/2013	7,25
21/01/2009	12,75	27/01/2010	8,75	19/01/2011	11,25	18/01/2012	10,50	16/01/2013	7,25

Fonte: Banco Central do Brasil.

**ANEXO H – PRODUTO INTERNO BRUTO**

<b>ANO</b>	<b>PIB (R\$ milhões)</b>
<b>2003</b>	1.699.948,00
<b>2004</b>	1.941.499,00
<b>2005</b>	2.147.240,00
<b>2006</b>	2.369.483,00
<b>2007</b>	2.661.343,00
<b>2008</b>	3.032.204,00
<b>2009</b>	3.239.404,00
<b>2010</b>	3.770.085,00
<b>2011</b>	4.143.015,00
<b>2012</b>	4.392.094,00
<b>2013</b>	4.844.815,00

Fonte: Banco Central do Brasil.